

O ACRE E SUAS POSSIBILIDADES

Tte Cel Lima Figueiredo

Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia
Secção XXXVI — “Geografia Regional”

CONSIDERAÇÕES GERAIS

No ano de 1928 fui designado pelo meu querido amigo e ilustre chefe, general Cândido Rondon, para inspecionar as fronteiras do Perú e da Bolívia com o Brasil, no trecho compreendido entre a cabeceira do *Santa Rosa*, afluente raiano do *Purús* e a foz do *Abunã* no *Madeira*. Em face dessa missão tive que palmilhar metade do Território do Acre, executando levantamento expedito, fazendo recenseamentos e obtendo informações

Estávamos em meio da guerra do Paraguai — 1867 —, quando a Bolívia, pela voz de seu Presidente Melgarejo, insiste em resolver a questão de limites

O Brasil dá plenos poderes a Lopes Neto que habilmente obtém, a 27 de Março de 1867, o Tratado de Ayacucho. E' o Acre assim focalizado pela primeira vez. Rezava aquele documento que na margem esquerda do *Madeira*, na latitude sul de 10° 20', a fronteira seguiria por êste paralelo até encontrar o *Javari*. “Se o *Javari* tiver as suas nascentes ao norte daquela linha leste-oeste, seguirá a fronteira, desde a mesma latitude, por uma reta, a buscar a origem principal do dito *Javari*”.

O x da questão era determinar as cabeceiras do *Javari*, e, para isso, várias comissões foram organizadas e seguiram para a Amazônia afim de resolver o assunto. Coube a glória de determinar a latitude exata da nascente do *Alto Jaquirana* — 7°6'55” — ao Dr. Luiz Cruls, Diretor do Observatório do Rio de Janeiro, em 1901.

Acoçada pela sêca de 1877, a população do Nordeste procura algumas plagas onde o sofrimento fôsse menor, e muitos dos seus habitantes, atraídos, outrossim, pelo preço fabuloso alcançado pela borracha, seguem em grandes grupos para a Amazônia, indo até ao Acre.

Dia a dia surgia uma barraca nova nas margens do caudaloso *Purús* e, logo em seguida, um varadouro unindo aqueles brasileiros que, dêsse modo, estavam levantando marcos para posse futura da terra que descobriram.

Em 1898 era Ministro da Bolívia, no Rio de Janeiro, D. José Paravicini que, transmudando-se de diplomata em conquistador, partiu para instalar uma aduana no Acre

Em Dezembro de 1898 chegava aquele senhor a Manaus, fretava o vapor brasileiro “Rio Tapajoz” e seguia para o Acre, onde abriu, sob a soberania da sua bandeira, a alfândega de Puerto Alonso, hoje Pôrto Acre

Os brasileiros não podiam concordar com aquele ato de força que a atrabiliária autoridade levava a efeito, aliás com aquiescência plena do nosso Governo

Começou um murmurinho que, a pouco e pouco, foi tomando o aspecto duma guerra de verdade. Após mil peripécias foi escolhido o bravo agrimensor gaúcho Plácido de Castro que enfrentou com vantagem tôdas as forças que foi topando, levando-as até ao rio *Orton*, já bem dentro da Bolívia.

Terminando a questão com chave de ouro, o Barão do Rio Branco, com marcante habilidade, consegue o Tratado de Petrópolis de 17 de Novembro de 1903, que nos dava o Território do Acre atual, e nos obrigava a pagar uma indenização de dois milhões de libras esterlinas que, aliás, foram reembolsadas em curto prazo, apenas com o imposto de 23 % sobre a *hevea brasiliensis*.

ASPECTOS GERAIS DO CENÁRIO ACREANO ESTRADAS FLUVIAIS LABUTA DOS HABITANTES FALTA DE COMUNICAÇÕES TRANSVERSAIS FÁCIES TOPOGRÁFICO

Dois grandes rios penetram no Território do Acre — o *Purús* e o *Juruá*, e nele desenvolvem uma basta galhada de afluentes e sub-afluentes que o cobrem de boas vias de comunicações

Não há comunicação que se possa classificar de regular, ligando os habitantes das duas grandes bacias — eles vivem completamente isolados. Assim, apesar das estradas penetrantes formadas pelos grandes cursos d'água e seus tributários, não há uma única via transversal unindo não só as duas bacias principais, mas, também, as secundárias.

Tôda comunicação no Território do Acre se faz pelo aranhol potâmico, aproveitando-se os furos, os paranás e os igarapés durante as cheias.

Para ir-se de Rio Branco, banhada pelo rio *Acre* a Cruzeiro do Sul, à margem do *Juruá*, é-se obrigado a descer o *Acre*, o *Purús* e o *Solimões*, subir o *Negro* até Manaus, baldear de vapor, remontar novamente o *Solimões* e, em seguida, o *Juruá*, consumindo, em todo êsse longo trajeto, se tudo vier a calhar, cêrca de sessenta dias.

A navegação é feita pelos vapores chamados "Vaticanos" que, consoante nos ensina Raimundo Moraes, teem esta denominação porque "de noite, iluminados a luz elétrica, parecem palácios flutuantes, advindos-lhes certamente dessa impressão, que deixam, o nome de "Vaticanos".

No rio *Purús*, aqueles naviozinhos sobem até a barra do *Acre*, atingindo somente Cachoeira no período da vazante. Logo depois daquelas duas localidades a navegação é feita pelas chatinhas de roda à popa que singram as águas do *Acre* até a fronteira da Bolívia, no período da cheia, e se deteem em Rio Branco, quando chega a época de chuvas nas cabeceiras.

Continuando a ação dinamizadora das chatinhas, surgem embarcações movidas a motores de variegados tipos, rebocando, à sirga ou amarrados ao costado, batelões pejados de mercadorias, os quais servem de vivenda à tripulação e aos poucos passageiros que se destinam aos altos rios. Com o rio cheio — de Dezembro a Abril —, as tais naves vão até Curanja, no *Purús*, já muito dentro do Perú.

Nas sedes dos seringais há longas canoas feitas dum só tronco, de fundo chato, denominadas *ubás* e movidas, geralmente, a *motogodille* (um motor colocado na popa da embarcação, alimentado a gasolina ou querosene, o qual tem a hélice propulsora colocada na extremidade de uma longa haste que recebe o nome local de *rabo*; há um punho que faz o rabo girar para a esquerda ou para a direita, dando o rumo à nave e, toda vez que surja um pau espetado no fundo do rio, o piloto, que é o motorista ao mesmo tempo, abaixa o punho com o péso do corpo, retirando água a haste com a hélice, safando-a do obstáculo).

Outras canoas do mesmo tipo são movidas a remo, croque ou sirga. Os remos são do mesmo fâcies dos usados pelos indígenas — uma larga pá de forma redonda ou ovalar seguida por um cabo curto, formando uma peça inteira. Havendo longas praias, muitas vezes colocam cordas presas à embarcação, dando-lhe direções tais que a correnteza aja sobre ela, fazendo-a marchar paralelamente à margem, quando puxada pelos sirgadores que marcham em terra. Na ocasião das grandes chuvas, Dezembro a Abril, cujas alturas em mm são respectivamente, nos meses sucessivos a partir do último do ano 300,5, 336,4, 242,1, 276,3, 242,5, toda a planície é uma vasta lagoa. As barracas, tanto da margem como do interior, colocadas no alto de estacas, à guisa de palafitas polinésicas, ficam beirando a superfície das águas, e o único meio de comunicação para o habitante do lugar é a canoa, com diferentes denominações, conforme o modo por que são feitas.

No início da cheia há uma azáfama digna de nota. As balsas de madeira em toras são organizadas e jogadas água abaixo. A êste respeito vou transcrever uma página do nosso livro “Terras de Mato Grosso e da Amazônia”, a qual revive o que vi, quando perambulei pelo rio *Purús*, ao longo da nossa fronteira constituída pelos rios *Santa Rosa* e *Chambuiaco*.

“Aqui, na Amazônia, o madeireiro abre larga picada que parte de um rio, de um igarapé, ou de uma lagoa onde as vitórias régias esplendorosas e os murarés de flores roxas escandalosamente belas encobrem a peste que se abriga nas suas águas verdosas e sempre tépidas. Numerosas árvores são sacrificadas só de início, no trabalho preliminar — a picada. Derrubam o tronco, geralmente um cedro imenso, ou uma possante aguano. Desgalham-no. Aparentam ligeiramente o gigante abatido. E, após, com uma engenhoca rudimentar e um cabo de aço, cinco ou seis homens, em puxadas sucessivas, rolam o vasto caule até a *bôca* do pique, como se fôsem formiguinhas carregando um rotundo besouro. Lançados os troncos água, procedem ao enjangadamento. Com cabos de aço e argolas prendem as toras que

formam um largo soalho. Sobre êle constroem um *tapiri* — casinha de palha que servirá de residência ao condutor da balsa.

“Aguardam o repiquete ou a enchente para largarem, ao sabor das águas, a jangada imensa que desce rodopiando, esbarrando nas margens, quando não é arrastada por uma componente centrífuga que a esfacela tôda de encontro à mata pujante. De cima da balsa, o caboclo esqualido, quasi faminto, com o olhar faiscante, agarra-se como pode, demonstrando um trabalho, uma energia que ninguém julga existir num tipo marcante de cadáver ambulante. E, quando a jangada se arrebenta de encontrô ao barranco, ou do choque com a selva, êle não desanima e procura reunir os troncos, formando novo balseiro para continuar sua via cruçis até ao ponto onde os magnatas, em navios confortáveis, o aguardam. Aí começa a medição, a operação mais difícil do que a integração, onde as rachas, os nós, a conformação do cerne, os galhos, o cupim, enfim tudo, entra como fator redutivo.

No final, o madeireiro — o homem que extrai da mata a madeira — recebe em pagamento alguns paneiros de farinha, mantas curtidas de pirarucú, munição e roupas de tecido ordinário. Volta para a selva, para prosseguir no ciclo que lhe consome o sangue, a carne e a vida.”

Balsas de borracha também são formadas. As *peles* — bolas de látex — são colocadas em caixilhos de troncos finos e leves e descem *de bubuia* o rio até encontrar o navio que se destinará a Manaus e Belém.

Nos meses de Junho e Julho, nos quais o vento tem maior velocidade — 16 — sacode os castanhais, deixando o chão cheio de ouriços. O castanhador só tem que reuni-los e quebrá-los, colocando as castanhas amontoadas sob um *tapiri*. No comêço das cheias, em ubás, êle sobe os igarapés já dando boa navegação e vão colhê-las, trazendo-as para o barracão, onde são lavadas e preparadas para o embarque, em barrís ou a granel.

Como acima foi dito não há comunicações transversais no Território do Acre. Dizem que outrora existiu uma estrada que, na carta do Acre do engenheiro Masô, está caracterizada com o pomposo nome de *estrada para automóveis*, ligando Sena Madureira a Rio Branco, numa extensão de 208 quilômetros, e construída pelo engenheiro Gastão Lobão. Quando partí para lá pensava topar com uma carreteira mais ou menos má que me proporcionasse uma viagem incômoda entre aquelas duas cidades; entretanto, ao chegar a Sena Madureira, verifiquei que grande número de pessoas só conheciam o automóvel pelas fotografias estampadas nos jornais e revistas. A tal rodovia não existia. A muito custo consegui percorrer a distância entre as duas cidades supra citadas, fazendo trechos no lombo dum burro e outros a pé, usando do facão para abrir, aqui e ali, o matagal que se debruçava sobre a vereda magrinha que constituía o *varadouro* por onde andei.

Os grandes seringais teem à margem dos rios um espaçoso barracão que é a sede, onde mora o proprietário ou gerente, onde se reúne a borracha e a castanha e de onde partem os tropeiros com comboios carregados de mercadoria. No seio da mata estão os *fregueses* que moram em

pequenas barracas — recebem tudo que necessitam em paga da borracha e da castanha que produzem. Ligando as diferentes barracas ao barracão, há uma rede de varadouros que permite, perfeitamente, o tráfego a cavalo. Todavia, quando se tem de passar dum seringal a outro vizinho, a cousa se complica — é mister fazer um pique unindo os dois varadouros das propriedades limítrofes.

Por meio de varadouros, pode-se ir do *Juruá* ao *Abunã*, tributário do *Madeira*, através dum percurso penoso e demorado.

Os rios que percorri — *Purús* e seus afluentes *Chandless*, *Iaco* e *Acre*, — estão no quadro dos de recente formação geológica, porque

- examinando-se o solo, nota-se ser êle formado pela sucessão de lençóis horizontais de terreno de aluvião que cresce de cheia a cheia,
- há descontinuidade nas bacias secundárias que dão origem aos lagos e pântanos,
- os grandes trabalhos de erosão em curso de execução produzem contínuas modificações no modelado dos rios e suas ribanceiras,
- as diferentes inclinações dos seus talwegues acarretam diversos graus de velocidades das suas correntezas, o que rompe o equilíbrio geral do seu curso no perfil, ocasionando furos, sacados e sinuosidades, formando e acentuando novas deformações,
- a forma enrugada dos planaltos, onde se divisa, difficilmente, uma indecisa linha de cumiada, é totalmente desprovida de formação terciária.

Resulta de tudo isto um modelado excepcional, onde se vê uma hidrografia em curso de formação, trabalhando enérgica e continuamente erosões num terreno inconsistente e achatado.

Vi uma pequena elevação, nas cabeceiras do igarapé *Oriental*, afluente do lindeiro igarapé da *Baía*, desbarrancando-se continuamente e metamorfoseando-se em hiante atoleiro. Os habitantes dizem que aquilo é uma *terra derretida*.

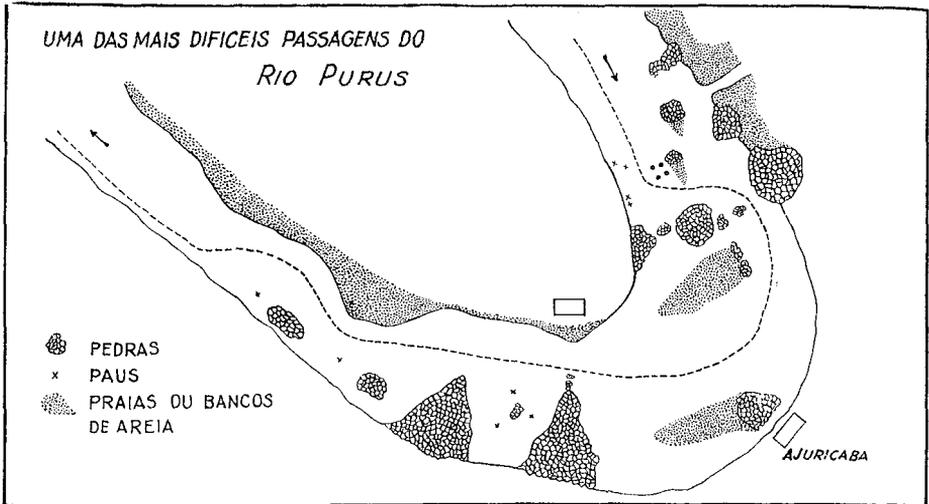
Para avivar bem a idéia do que seja o trabalho de erosão nos rios do Acre, chamo à baila o grande Euclides da Cunha:

“As vêzes é um lanço unido, de quilômetros, de *barreira* que lhe cai de uma vez e de súbito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sôbre o leito, uma floresta inteira.”

“Não é raro o viajante, à noite, despertar sacudido por uma vibração de terremoto, e aturdir-se apavorado, ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebando-se, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento de terra.”

Essas *terras caídas* trazem como consequência duas espécies de obstáculos — um é a quantidade de troncos e galhos que, como abatizes, se apresentam à superfície d'água ou, traiçoeiramente, no fundo, ameaçando os cascos das embarcações.

— outro são os bancos rasos e compactos chamados *salões* e as ilhas denominadas *torrões*, submersas ou não, ambos formados de argila ou



dum conglomerado areno-argiloso caído da margem e que não foi dissolvido pela corrente pouco veloz.

O perfil transversal do vale acreano pode ser apresentado por uma depressão de quinze a vinte metros de fundo, a qual representa os próprios leitos dos rios, e que continua — de um lado por um talude suave ou forte (o barranco da margem) que é seguido do firme horizontal;

— de outro lado, por uma praia que se prolonga em largas várzeas de mil a dois mil metros de extensão e, as vèzes, por uma ribanceira em forma de dique que transforma a várzea em lagos, pântanos ou charnecas (figuras ns 1 e 2).

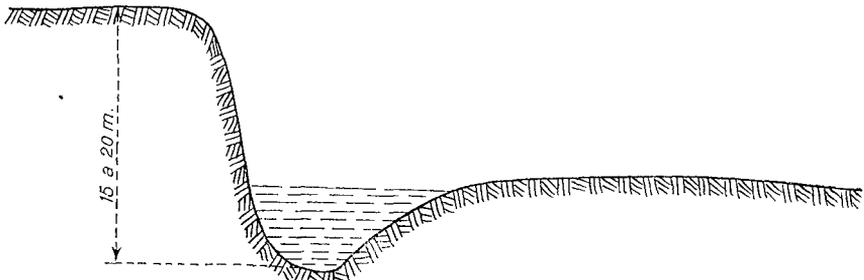


Fig 1

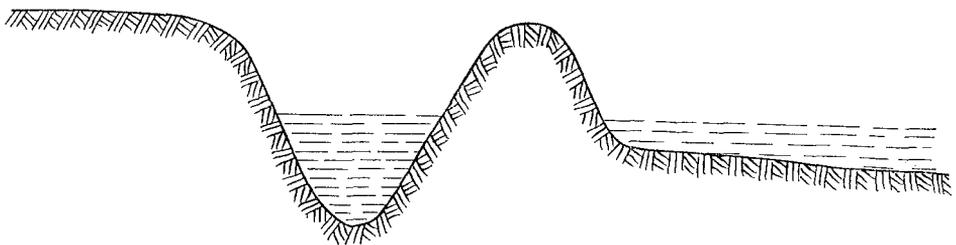


Fig 2

Collazos Este, navegou pelo *Sepahua* acima, enfiou pelos seus ultimos tributarios, que se esgalham até o igarapé *Machete* e foi surgir no *Pucani*, a cabeceira mais meridional do *Purús* ” (Fig 3)

O mesmo Autor, na obra citada, ainda assevera

“Mas esta *primeira apparencia* é bastante illusoria, como se vê pelos resultados de uma observação mais longa Comparando a planta do *Purús*, levantada por W Chandelss com a que foi levantada 40 annos depois, pela Commissão Mixta Brasileira Peruana, verifica-se que este rio variou consideravelmente as suas incontaveis voltas, já dilatando-as, já encurtando-as, já destruindo-as, ou encurvando antigos estirões em praias recentissimas Em Anory, no Baixo *Purús*, em Concordia e União, no Médio, pouco abaixo de Cocama, no Alto, o notavel scientista inglez navegou sobre lugares hoje cobertos de embaubas, e a Commissão de Limites atravessou em canoas os trechos de terrenos em que elle contemplou bellos recantos de floresta”

Da sua foz no *Solimões* aos últimos manadeiros do *Pucani* se percorrem 3 210 quilômetros, o que o torna um dos maiores rios do globo, apesar de ser um simples afluente do *Amazonas*.

E' um dos mais sinuosos rios do mundo, principalmente no seu curso inferior, onde sua pouca velocidade faz com que o seu curso mude constantemente no terreno de aluvião por êle mesmo formado.

A tortuosidade e a variabilidade de leito do *Purús* são justificáveis A sua velocidade muito forte nas cabeceiras vai diminuindo sucessivamente, à medida que se aproxima da foz, onde quasi se extingue.

Acêrca dêste mesmo assunto pontificou o Almirante Ferreira da Silva no seu “Relatório da Comissão de Limites do Brasil com o Perú” (1929)

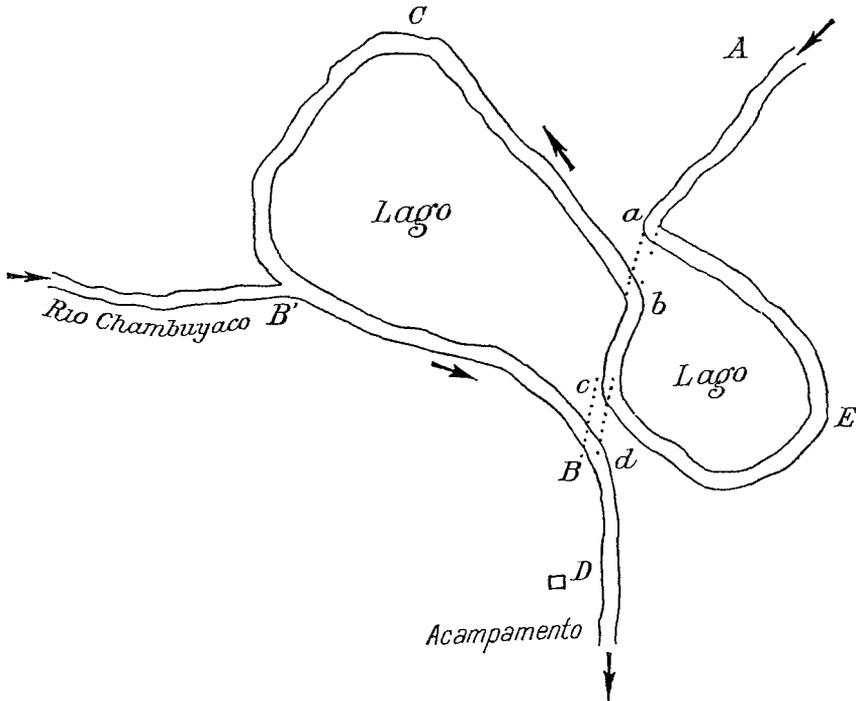
“A mudança, por mim observada, da foz do “*Chambuyaco*”, ope-
lou-se em 1911 — segundo informações que consegui colher — em consequencia da formação de um *saccado*, interessante phenomeno geologico muito commum nos rios *divagantes* do *Amazonas* e que resalta aos olhos do explorador no alto do rio “*Purus*”, evidentemente ainda em formação, sem leito definido, obediente á acção erosiva e constante de suas aguas

A acção impetuosa da corrente em uma curva, coiroendo a parte concava do barranco pelo trabalho de sua componente centrifuga, procura a direcção primitiva, que trazia, e consegue abrir lenta e incessantemente um canal entre os extremos de uma longa volta do rio, abandonando esta para seguir o novo trecho sensivelmente retilíneo, por ella formado A essa volta abandonada se denomina *saccado*, em cujo interior fica geralmente um lago constituido pela agua restante do antigo leito, a qual se renova, não só pelas chuvas, como pela comunicação desse leito com o proprio rio, por occasião da enchente

Assim, uma barraca que se achava á margem do rio, fica muitas vezes isolada em um *saccado*, tornando-se difficil a comunicação com o mesmo rio

Foi o que aconteceu *duplamente* com o rio *Purús* nas proximidades da barra do *Chambuyaco*, formando-se dois lagos: um á margem direita e o outro á esquerda daquelle rio

A figura junta melhor fará comprehender o phenomeno geologico de que se trata Fig n.º 4



O rio *Purús*, correndo segundo "AECD", recebia o *Chambuyaco* no ponto B', mas, em virtude do que ficou dito, o rio rompeu entre a e b, e depois entre c e d, formando os dois *saccados* e lagos correspondentes A fóz desse *affluente* mudou-se, pois, de B' para B, e o antigo trecho do rio *Purús*, comprehendido entre esses dois pontos, ficou pertencendo ao actual curso do *affluente*

A insufficiencia da agua do *Chambuyaco*, em face da largura desse trecho, só lentamente podia produzir o trabalho geológico necessario para bem definir o seu leito, dentro do antigo, e isso apenas na época das cheias, quando a intesidade da corrente exercesse fortemente a sua acção "

Faltando às suas águas o "elan" necessário para ir diretamente em seu caminho, divagam pelos terrenos inconsistentes por elas mesmo formados, bastando mesmo um tronco para desviar o empuxo da massa líquida de uma margem contra a outra.

Havendo pouca coesão da terra, os efeitos de erosão são enormes e o curso do rio é desviado

Diz a êste respeito Euclides da Cunha, o grande observador das leis régias da natureza: "A indecisa arqueadura, que logo se forma, circularmente, se acentua, e, à medida que aumenta, vai tornando mais vio-

lentos os ataques da componente centrífuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos anos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como êste se traçou adscrito aos pontos determinados de um perfil de equilíbrio inviolável, aquele desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo ciclo de erosão, procura volver ao antigo canal, como quem contornou apenas um obstáculo encontrado no caminho”

“O círculo por onde êle se alonga tende a fechar-se. De sorte que tôda a área de terrenos abrangidos se transmuda em verdadeira península, ligada por um istmo tão delgado, às vêzes, que o caminhante o atravessa em minutos, enquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contôrno da terra quasi insulada. Por fim esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enchente o *Purús* despedaça a frágil barreira do istmo; e retorna, de golpe, o primitivo curso, deixando à margem a relembrar o desvio por onde divagou, um lago anular, não raro amplíssimo. Prossegue. Reproduz adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela criação dos mesmos lagos ou *sacados*.”

“E assim vai — perpetuamente oscilante aos lados de seu eixo invariável — num ritmo perfeito, refletindo o jogar das leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula que seria a tradução analítica do curioso movimento pendular sôbre um plano de nível.”

Desta maneira alí se resolve naturalmente um dos mais sérios problemas de hidráulica fluvial.”

“De fato, aqueles lagos são verdadeiros diques, funcionando com um duplo efeito: de um lado impedem as inundações devastadoras, absorvendo os excessos das cheias transbordantes, de outro lado, regulam os regimes das águas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmo, automaticamente, *estourando*, para usar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vazante parte das massas líquidas que economizaram.”

São estes lagos verdadeiros presentes que entre muitos outros, a natureza prodigalizou ao nosso Brasil.

A Inglaterra para regular as cheias do Nilo, que é um Deus para os egípcios, gastou somas fabulosas para construir diques que representam em tamanho e em quantidade um *dx* dos nossos.

No seu desenvolvimento, as inflexões são tão numerosas que lhe permitem um itinerário de 3 650 quilômetros.

Um dos exploradores do *Purús*, diz que as coordenadas da sua origem são 11° 4' 15" de lat. Sul e 27° 10' 25" long. Oeste do Rio de Janeiro, estando numa altitude superior a 357 metros sôbre o nível do mar.

Os navegantes do rio, levando em conta sua capacidade de navegação, dividem o *Purús* em três secções: o *baixo* que vai da foz principal até seu afluente o *Tapauá*; o *médio*, dêsse ponto à confluência do *Mamoréa* — *Grande*, o *alto* daí às cabeceiras.

A divisão seguida pelos geógrafos é a baseada na declividade, o *baixo*, a partir da sua foz até a do *Acre*; o *alto*, daí até as nascentes.

Largura e profundidade A largura do *Purús* no seu braço principal, ao desembocar, é de 400 metros e tem em média 15 metros de profundidade

Em “Cachoeira”, ponto terminal da navegação da “Companhia Amazon River”, durante a vazante, o rio apresenta 300 metros de largura e a profundidade máxima, na enchente, de 12 metros, dando na vazante navegação para o calado de 10 pés, isto é, 3m,30

Na foz do *Acre*, a largura é de 140 metros e a profundidade de 11 metros em Fevereiro e 1m,50 em Agosto

Na foz do *Iaco*, o rio apresenta a largura de 130 metros com a mesma profundidade

Na foz do *Chandless*, a largura é de 120 metros e a profundidade de 4 metros em Fevereiro e de 1m,10 em Agosto.

Na foz do *Chambuiaco*, fronteira do Brasil com o Perú, a largura é de 100 metros, sendo a profundidade máxima de 3m,50 em Fevereiro e de 0m,90 em Agosto

Fui informado que em “Cocama” a largura do rio é a mesma, sendo a profundidade em Agosto de 0m,40 e em Fevereiro de 0m,90

Depois de desenhar o curso do *Purús*, cheguei à seguinte relação entre a largura do meandro (L) e a largura do rio (l)

$$\frac{L}{l} = 18$$

Regime da corrente Já muito dissemos sobre o regime da corrente ao falar nas sinuosidades do rio.

Aproveitando as observações de E Cunha, Wilson Chandless e as nossas próprias, obtemos o seguinte quadro

SECÇÕES	DISTÂNCIAS Km	DIFERENÇA DE NÍVEL (metros)	DECLIVIDADE GERAL	DECLIVE KILOMÉTRICO	ALTITUDE (metros)
Das nascentes ao Curiuja	117	189	1/619	1m,60	475
Do Curiuja a Curanja	278	60	1/4500	0m,22	286
De Curanja à foz do Chandless	304	49	1/6500	0m,16	226
Do Chandless à foz do Yaco	300	39	1/7700	0m,13	177
Do Iaco ao Acre	237	27	1/8700	0m,115	138
Do Acre ao Piauíni	233	20	1/11600	0m,085	111
Do Piauíni ao Mucuíni	740	42	1/15100	0m,066	91
Do Mucuíni ao Solimões	990	49	1/23500	0m,042	42

Traçando-se um gráfico correspondente aos elementos do quadro, distâncias e altitudes, obteríamos um ramo de parábola com a concavidade voltada para cima.

Nota-se nessa parábola um degrau quasi abrupto representado pelo declive de 1m,60 por quilômetro, aí a massa d'água sendo mínima, a velocidade atinge grandes valores

Mas depois desta forte rampa, a declividade vem diminuindo sucessivamente, até que quasi se horizontaliza na embocadura. Por outro lado a massa d'água vem aumentando, com o auxílio dos afluentes, resultando vir também a velocidade diminuindo, paulatinamente, até quasi anular-se na foz, no *Solimões*, onde o declive é mínimo e a massa líquida máxima

Nas nascentes a velocidade do rio atinge a 2m,20 por segundo e nas bases abaixo citadas

Foz <i>Chambuiaco</i>	1m,00 por segundo
” <i>Chandless</i>	1m,00 ” ”
” <i>São Paulo</i>	0m,90 ” ”
” <i>Iaco</i>	1m,00 ” ”
” <i>Acre</i>	0m,90 ” ”
” <i>Purús</i>	0m,70 ” ”

Naturalmente esta velocidade é variável com a cheia e a vazante e, em alguns trechos, devido às tronqueiras, salões ou cachoeiras. Nestes trechos encontra-se acima dos obstáculos a água quasi parada e abaixo dos mesmos velocidade vertiginosa.

Certas ocasiões o rio toma água de súbito, isto é, apanha um *repiquete*, em outras, suas águas descem celeremente. Tem havido o seguinte fato: um viajante chega a noitinha e amarra a sua embarcação a beira do barranco, durante a noite as águas baixam notavelmente e a embarcação acaba ficando dependurada se estiver bem amarrada. Em outras vêzes até navios ficam, completamente, em sêco, aguardando *repiquete*.

Há duas estações características no *Purús*: o inverno e o verão. Durante o inverno o rio se acha cheio e no verão quasi sêco. Tem-se averiguado que de 4 em quatro anos há uma enchente devastadora.

As cheias começam invariavelmente no comêço de Outubro, tornando-se, entretanto, mais sensíveis de Novembro em diante.

Durante a época da enchente há diferentes planos de volume d'água: alternativas de pequenas cheias e vazantes. A profundidade atinge mais de 6 a 8 braças em alguns lugares e em *Lábrea* o rio fica com uns 500 metros de largura.

A vazante principia invariavelmente em Abril, acentuando-se de fins de Abril em diante, ficando nos lugares mais fundos com uma braça em plena vazante, acima de *Lábrea*.

Estas informações foram dadas pelo comandante do vapor “Curitiba”, Antônio Alves de Azevedo, e confirmada pelos habitantes.

VEGETAÇÃO — EXAME DAS FORMAS DE VEGETAÇÃO NATURAL E CULTIVADA

Nada mais se pode desejar da floresta acreana em opulência e em variedade.

Nela se vê desde a gramínea rastejante até a monstruosa samau-meira.

Pelas viagens que fiz, margeando os rios e fazendo travessias por terra entre seus vales, pude apreciar o tesouro que se acha ali guardado, à espera de um aventureiro que, com capital e braços, lá chegue e pronuncie o célebre “abre-te Sésamo”.

Na zona quente em que está o Acre, a vegetação tem o calor que vivifica e pela sua topografia e regime de seus rios, o seu solo é recoberto de humos fertilizantes, resultado da “colmatage” deixada pela vazante dos rios.

Pela coloração se distingue a flora da várzea da do terreno firme. A vegetação da primeira apresenta a côr verde clara que caracteriza suas espessas matas, ao passo que a da segunda é de aspecto verde-escuro, sendo sua floresta menos espessa que a da várzea.

A vegetação da várzea cresce mais rapidamente, mas não apresenta a solidez da de terreno firme e dura menos tempo

Nas margens baixas se destacam três fileiras de vegetação: a primeira é constituída pela canarana, depois vem uma série de embaúbas e flecheiras e finalmente a floresta propriamente dita

Nas praias e nas beiras dos barrancos se vê a “uruna” (sílex martiniana Seyb). Este vegetal que tem o aspecto do pessegueiro, dificulta a queda do barranco onde vive e indica o canal, por que não há *terra caída*.

Na imensa floresta em que vivi alguns meses, encontrei grande quantidade de madeiras excelentes para a construção e marcenaria, além de inúmeras plantas tóxicas, gomíferas, medicinais, trepadeiras e palmeiras

Há um fato interessante no modo de crescimento das árvores do Acre. As suas raízes são superficiais, excetuando-se a seringueira que apresenta um fundo espigão. Para sua sustentação nascem fortes sapopembas que constituem uma boa base e os galhos e ramos dos diferentes caules se entrelaçam, constituindo grande número de árvores um sistema inteiriço que é completado pela amarração de arbustos e cipós. Pode-se dizer que um tronco se mantém amparado pelo seu vizinho e reciprocamente.

Afirmam uns que as raízes não crescem, porque encontram à superfície do solo o alimento necessário que se transforma na seiva precisa ao desenvolvimento do vegetal. Outros são de opinião que o crescimento das raízes é diminuto, porque à pequena distância da superfície do solo existe um terreno impermeável de tabatinga, que só é vencido pela coifa resistente da seringueira

Nas baixadas encontrei grandes tabocais, espécie de bambú, que muito dificultam o caminho, com seus enormes e resistentes espinhos

Estes tabocais que levam muitos anos para florir, morrem logo depois de se encherem de flores

Os caules das árvores do Acre atingem ao comprimento de 30 a 50 metros e o diâmetro de 1 a 2 metros em média

Entre as madeiras para a construção, encontrei as seguintes. acapú, acaricoara, amarelinho, castanheira, cedro branco, cedro vermelho, cumarú de cheiro, envireira, itaúba, jacareúba, genipapo, louro de diversas espécies, maçaranduba, pau d'arco, pau mulato ou mulateiro, pau roxo e piquiá

Para marcenaria aguano, cedro e pau marfim

Das plantas tóxicas se destacam a samaúma e a monguba que produz uns frutos vermelhos que depois de sazoados deixam cair excelente paina.

Pertencendo às gomíferas temos a seringueira e o caucho.

Existe uma oleaginosa no Acre que apesar da abundância ainda não foi explorada — é a copaíba. Às vezes, na mata, se ouve um estouro e se vai verificar o que o originou. De um tronco bojudo se vê o precioso óleo escorrer — foi a copaíba que arreventou

Entre as palmeiras encontradas em quantidade podemos citar. assaí, bacaba, jauari, murú-murú, patauá, paxiúba, paxiubinha, ourucurí, jací, jarina e ubim.

As palmeiras recebem no Acre o nome de “palheiras”. As suas folhas são utilizadas na cobertura das casas. Os pobres do *Purús* e *Iaco* empregam o jací e o ourucurí, os ricos utilizam a jarina que exige mais tempo na cobertura.

Na zona do *Acre* e do *Abunã* a palheira empregada é o ubim.

No tempo da finada fartura no Acre, devido ao preço exagerado da goma-elástica, o seu povo importava tudo, exportando somente borracha.

A queda do preço da hévea, foi mostrar aos seringueiros a exuberância da terra em que viviam. As plantações começaram, quando o homem viu que com um quilo de borracha êle só podia obter um punhado de sal.

Hoje em toda a parte se vêem roçados que produzem no mínimo para o consumo, havendo já alguma exportação, si bem que pequena.

O milho cresce com uma facilidade extraordinária, produzindo três vezes ao ano, o café em dois anos já se acha carregado; o arroz não quer melhor terra de várzea, nas praias brotam com uma facilidade estu-penda o feijão, a abóbora, a melancia e o melão

Os egípcios aproveitam as cheias e as vazantes do Nilo para transformar o seu vale num vasto celeiro.

Lá, no Acre, quando houver quem pense que o futuro daquela terra está na agricultura, teremos também o nosso celeiro vastíssimo.

As praias e os barrancos são limpos nas vésperas das enchentes, isto é, fins de Setembro Com a cheia a água traz grande quantidade de detritos que se vão depositando nas margens e terrenos circunvizinhos, para na vazante apresentar uma terra completamente trabalhada. — é só jogar a semente !

Já existem grandes plantações de milho, feijão, arroz, mandioca, cana de açúcar, café, fumo e frutas (abacaxi, abacate e manga).

Entre o *Acre* e o *Abunã* existem ótimos campos

CLIMA SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS: TEMPERATURA, CHUVAS E VENTOS SUA INFLUÊNCIA SÔBRE OS ELEMENTOS GEOGRÁFICOS, ESPECIALMENTE SÔBRE O REVESTIMENTO VEGETAL E SÔBRE O HOMEM, RELATIVAMENTE AO QUE DEVERÁ SALIENTAR AS CONDIÇÕES DE SALUBRIDADE

Os dados relativos aos seus principais elementos, obtive na Estação Climatológica de Sena Madureira e os transcrevo no quadro abaixo:

MÉDIAS MENS AIS	PRESSÃO BAROMÉTRICA REDUZIDA A 0°	TEMPERATURA		VENTO Velocidade	CHUVA Altura
		Máxima	Mínima		
Julho de 1927	749,3	37,4	11,4	1,6	4,5
Agosto " "	48,9	37,1	12,9	1,6	8,2
Setembro " "	47,7	37,5	13,0	0,7	154,3
Outubro " "	47,7	37,1	19,0	0,8	270,7
Novembro " "	47,2	37,2	20,6	0,6	139,6
Dezembro " "	47,3	37,0	19,6	0,7	300,5
Média semestral	748,0	37,2	16,2	1,0	877,8 (1)
Janeiro de 1928	48,2	36,0	18,9	0,8	336,4
Fevereiro " "	47,5	36,3	19,0	0,9	242,1
Março " "	47,5	37,0	19,9	1,3	273,6
Abril " "	47,5	36,8	19,0	0,8	242,5
Maió " "	48,0	36,5	17,0	1,0	145,6
Junho " "	48,7	36,9	13,9	1,6	61,2
Médias semestrais	747,9	36,6	18,0	1,0	1301,4 (1)

(1) Total do semestre

No quadro que se segue faço constar outros dados obtidos na mesma estação de Sena Madureira.

MÉDIAS MENSAIS	UMIDADE		NEBULOSIDADE	TERMÔMETRO	
	Absoluta	Relativa		Séco	Úmido
Julho de 1927	21,2	92,8	1,4	24,0	23,1
Agosto " "	22,4	92,9	2,2	24,6	23,9
Setembro " "	24,4	93,0	3,9	26,5	25,6
Outubro " "	24,4	92,9	5,3	26,7	25,7
Novembro " "	25,1	93,3	5,0	27,0	26,3
Dezembro " "	25,0	92,8	5,5	27,1	26,1
Média semestral	23,8	93,0	3,9	26,0	25,1
Janeiro de 1928	25,5	93,9	6,3	25,9	25,1
Fevereiro " "	24,4	93,6	6,5	26,6	25,8
Março " "	24,8	93,0	5,6	27,1	26,1
Abril " "	24,7	93,4	5,6	26,9	26,0
Maio " "	24,0	93,2	3,2	26,3	25,4
Junho " "	23,1	93,4	3,4	25,5	24,7
Média semestral	24,1	93,4	5,2	26,4	25,5

Estes dois quadros se completam dando-nos os elementos necessários para a caracterização do clima. É lamentável não ser registado na Estação de Sena Madureira, a direção do vento, a forma da nebulosidade e as horas de chuva.

Interessam ao clima, a latitude e a altitude do lugar, vamos por isso citar as de Sena Madureira.

Latitude: Sul 9° 6' 11"8

Longitude 68° 38, 58"5 (Mer. Greenwich)

Altitude: 135 metros

Sendo o equador térmico inclinado para o hemisfério sul em relação ao equador propriamente dito e achando-se o Território do Acre compreendido, de um modo geral, entre os paralelos de 8° e 11°, devíamos concluir que a região interferida por estes círculos fôsse extremamente quente.

Felizmente isto não acontece, a exuberante floresta que cobre todo o solo acreano, defende-o naturalmente do calor abrasador levado pelos raios solares. O aranhol formado pelos caudalosos rios e seus afluentes umedece o terreno, diminuindo o "calor insuportável" que costumam sentir os que não vão àquela região

Pelo quadro acima exposto vemos que a temperatura média é de 27°1, perfeitamente suportável.

Durante o mês de Dezembro de 1928, quando percorri o *Abunã*, notei as maiores oscilações termométricas. Uma temperatura elevada caía bruscamente, às vezes de quasi 10°, e a um sol medonho de quente vinham substituir fortes aguaceiros e vento. Este fato repetiu-se umas cinco vezes e geralmente se reproduzia às 14 horas.

Há propriamente no Acre duas estações: uma de inverno e outra de verão, como já dissemos.

Durante os meses de Dezembro e Janeiro, chove quasi que diariamente, alagando tôda a região acreana até Maio, quando as águas começam a descer.

Constitue aquella zona uma enorme bacia de recepção das águas da natureza, para logo depois, completando o ciclo, ser também uma enorme bacia de evaporação.

Essa evaporação satura o ambiente de umidade, que é mais intensa no inverno do que no verão.

Durante a noite, o orvalho é tão forte que parece chuva, molhando qualquer pessoa que se arrisque ao tempo.

Quando percorria o rio *Chandless* notei fortes cerrações que começavam a aparecer à meia noite e permaneciam até depois das sete horas da manhã.

Quando há o degêlo dos Andes, costuma soprar um vento S. O. muito frio, ocasionando grande baixa de temperatura que muito prejudica a saúde dos habitantes. Este fenômeno, conhecido pelo nome de "friagem", fornece uma grande porcentagem de mortos na zona do Acre.

Depois da friagem é comum encontrar-se na mata grande quantidade de animais, feras e aves, mortos pelo frio. Com ela também sofrem os índios que não possuem agasalhos suficientes.

Os ventos normais veem do Sul e de Este e não são impetuosos. Os que produzem as vastas derrubadas de que já falámos são de sentido contrário.

Salubridade E' o clima do Acre muito caluniado. Não vi lá o que se diz constantemente sôbre a sua insalubridade.

Há de fato o impaludismo, principalmente depois que os rios começam a receber água. Mas devemos ponderar que aquella zona foi povoada por indivíduos doentes e já contaminados pelo mal, e que a alimentação usada pelos habitantes era parca e de má qualidade.

Hoje, depois que houve a plantação de roçados e que o homem já come com alguma abundância, o coeficiente de impaludados diminuiu muito, pois o gérmen do mal encontra indivíduos mais fortes.

Por incúria dos governadores, viviam criminosamente em franca promiscuidade pessoas atacadas do mal de São Lázaro e pessoas sadias, resultando haver hoje no Acre grande quantidade de morféticos. Quando no Governo, o Dr. Hugo Carneiro criou um leprosário e moveu campanha tenaz contra a morfêia

Os morféticos fugiam para a Bolívia e para o Estado do Amazonas, não tendo havido neste último Estado, nenhuma providência contra a propagação de tão terrível moléstia.

Há ainda durante as cheias um pouco de disenteria, devido à falta de cuidado que teem os habitantes em beber a água suja do rio

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DA REGIÃO, ZONA DE ATRAÇÃO DE SEUS PRODUTOS

A zona percorrida produz. borracha, castanha, madeiras, caucho, copaíba e cereais.

B o r r a c h a Em tôda a zona há grande quantidade de seringueiras, quer no firme, quer na várzea, porém nota-se maior abundância na zona compreendida entre o *Iaco* e o *Abunã*, onde se encontravam muitas árvores reunidas

A borracha do *Purús* é fraca e não existe em grande quantidade.

Gostei de ver os seringueiros já se interessarem pela sorte das árvores de goma elástica que possuem Foi abolida o uso do machadinho, sendo adotada a faca do seringueiro, que produz um talho muito pouco profundo, de modo que não ofende a entrecasca da árvore

Na zona por mim atravessada, em virtude da grande quantidade de seringueiras, há árvores que levam só um talho por semana

O preço da hévea está muito ridículo e desanimador Um homem bastante trabalhador não podia ganhar para o seu sustento, vendendo um quilo de goma fina por 1\$000, para ser vendida no Pará por 2\$500 (hoje já atingiu a 5\$000)

Os seringueiros e seringalistas ficam descontentes e diminuem a produção, não podendo satisfazer seus compromissos com a praça que lhes avia em gêneros e mercadorias

O proprietário do seringal "Guanabara" pensa de um modo diverso do dos seus companheiros — quanto mais aviltante for o preço da hévea, maior quantidade deve o seringal produzir

A borracha é extraída da seguinte maneira. cada seringueiro tem três ou quatro "estradas de seringa", e às vêzes mais, para trabalhar.

Cada dia êle trabalha numa estrada que não é mais do que um pique tortuoso que liga as diferentes árvores A árvore é limpa, isto é, raspada numa extensão de um palmo no sentido de seu comprimento e em tôda sua largura, e tôda vez que o seringueiro trabalha na árvore, com uma faca comprida só com corte na extremidade êle faz um risco inclinado, colocando a tigelinha de fôlha de flandres na extremidade do risco (a tigelinha é presa por sua própria beira na casca da serigueira).

Depois de ter colocado tôdas as tigelinhas, o seringueiro volta com o balde e vai recolhendo o látex extraído, deixando a tigelinha fixada na extremidade de uma vara que há ao lado da seringueira.

Segue com o leite para a sua barraca e lá na fumaceira êle defuma o líquido e prepara a “pele”.

Numa boa estrada o seringueiro pode tirar, diariamente, 10 a 15 quilos de borracha, trabalhando desde a madrugada até ao escurecer.

Quando chove, o seringueiro não trabalha, porque a chuva prejudica o látex, de modo que durante o inverno êle desvia completamente sua atividade, quer para a castanha, quer para a agricultura

Mensalmente ou quinzenalmente, parte do barracão, sede do seringal, um comboio, levando no dorso dos muares as mercadorias pedidas pelos seringueiros, o qual volta trazendo o produto extraído

Chegado à margem são formadas enormes balsas que navegam rio abaixo até onde encontrarem um navio que as leve para Manaus ou Belém.

Três ou quatro homens de cima das balsas as conduzem.

Formam com embaúba ou outra madeira leve que flutue bem uma jangadinha que também vai em cima da balsa da borracha.

Quando a “pele” salta fora da balsa, o seringueiro salta em cima do seu *cavalo* — a jangadinha — e célere com o remo ou o varão vai alcançá-la rapidamente

Cobram para conduzir um quilo de borracha, da bôca do *Iaco* à do *Acre*, \$200

O látex, que fica coagulado no risco feito na árvore, na tigelinha e no balde, é também recolhido e vendido como borracha inferior com o nome de “sernambí”.

No fim de um ano, o risco feito na árvore desaparece, podendo a seringueira ser novamente trabalhada no mesmo lugar.

O processo adotado para extração da hévea é atualmente muito racional, sendo por completo abolido o uso do machadinho, que inutilizava a árvore, das escadas e dos giraus

A borracha é enviada para Manaus ou Belém onde são cortadas as “peles” e classificadas em fina, entrefina, fina fraca, entre fina fraca e sernambí

Quasi todo o produto é consignado às firmas J G de Araújo & Cia. e B Levy, de Manaus e Pires Guerreiro, Alves Braga & Cia, Suarez Hermanos e outras de Belém Destas duas praças, o produto segue sem nenhum beneficiamento para New-York, Londres, Hamburgo e Havre, seus pontos principais de atração.

Quando um seringueiro é novo num seringal êle sempre procura encontrar novas “madeiras” (seringueiras). Na direção apontada pelos

galhos isolados da hévea êle marcha e, percorrendo tôda a mata naquele sentido, deve encontrar nova seringueira. Dizem os seringueiros que, quanto mais baixo estiver o galho, mais perto está a nova árvore. A árvore da várzea produz maior quantidade de látex, porém, a do firme tem uma goma com mais consistência e elasticidade.

C a s t a n h a Há muitas castanheiras no baixo *Purús* e no alto até o Arapixí; a partir dêste último ponto vão escasseando, até se extinguirem completamente, quando o *Purús* entra no Território do Acre. Entre o *Purús* e o *Iaco* não há castanha “nem p’ra remédio”.

Do *Iaco* para o *Acre* as castanheiras vão aparecendo novamente, para encontrá-las em grande fartura na região dos rios *Acre* e *Abunã*. Há também muita castanha na zona compreendida entre o *Purús* e *Pauini*.

Quando os ouriços começam a cair das castanheiras, o encarregado do serviço não tem mais nada que fazer do que juntá-los e carregá-los para um “tapirí” (tenda de palha), onde devem ser quebrados

Cada ouriço contém de 15 a 20 castanhas e um homem trabalhador pode colhêr um ou dois hectolitros (barricas) por dia.

A castanha, depois de quebrada, é conduzida ou nas costas dos muares, ou em canoas que no inverno navegam nos igarapés.

O proprietário do seringal “Bela Flor” no rio *Acre*, mandou construir enormes picadões onde trafegam carroças para a colheita da castanha.

O preço da *bertholetia excelsa* é muito compensador, pois pagam por um hectolitro 65\$000, dando um lucro fabuloso.

Os habitantes do lugar usam o leite da castanha em substituição à banha que é muito rara.

Julga-se a produção de um ano pela quantidade de flores do ano anterior.

Constitue sério perigo transitar-se por baixo de um castanhal, na época da queda do ouriço. Várias teem sido as vítimas dessa imprudência

A castanha é embarcada para Manaus e Belém em sacos ou mesmo a granel no porão dos navios.

Constitue a bacia do *Purús* a região mais rica em castanha no Estado do Amazonas, já pela extensão do castanhal, já pela abundância.

Os centros estrangeiros que recebem nossa castanha são os mesmos que importam nossa borracha.

M a d e i r a Atualmente só extraem o cedro e o aguano. Os habitantes do *Purús* são os únicos que extraem madeira, pois não teem a castanha para compensar o prejuízo causado pela borracha.

O processo de derrubar e transportar é ainda muito primitivo; para derrubar-se e transportar um toro são sacrificadas centenas de árvores.

O alto *Purús* está condenado ao abandono por falta de habitantes; o caucho foi completamente destruído, a borracha é em pouca quantidade, castanha não existe e a mata está agora sendo devastada “sem dó nem piedade”.

O cedro e o aguano são destinados às serrarias de Manaus, Itacoatiara, Belém e Rio de Janeiro, onde serão beneficiados.

Há grande quantidade de excelentes madeiras em tôda região percorrida, mas só fazem extração no *Purús* e *Chandless*.

C a u c h o Foi o caucho muito encontrado no alto *Purús*, no *Chandless* e no *Abunã*. O processo bárbaro de cortar a árvore para extrair o látex, fez com que depressa tivesse fim êste belo produto extrativo.

Os caucheiros iam buscar o caucho nas mais longínquas brenhas, fazendo fugir os índios e devastando tôda árvore que encontravam na ânsia louca de enriquecer rapidamente.

Hoje a exportação dêste produto é muito pequena, já pela pouca quantidade existente, já pelo preço pouco convidativo: 1\$200, em Belém, por quilo.

Houve um seringalista do *Abunã* que tendo mandado uma partida de caucho para Belém, pela *Madeira Mamoré*, deixou que seu produto fôsse vendido em leilão, porque o transporte era mais caro do que o caucho valia.

C o p a í b a Existe em grande quantidade em tôda região, mas poucos são os que trabalham nela, devido ao difícil transporte e ao preço muito baixo. O óleo da *copaifera officinalis* é obtido fazendo-se dois buracos no tronco, um grande na parte inferior da árvore por onde é extraído o óleo, e outro menor na parte superior para servir de “respiradouro”.

O líquido é conduzido em latas e potes de barro.

Muito pouco é exportado para o estrangeiro, sendo o restante consumido em Belém e Manaus. Atualmente o preço é de 7\$200 o quilograma.

Cereais O Acre pode ser o celeiro do Brasil, como afirmámos quando tratámos da vegetação cultivada do mesmo.

Em pequena escala já estão sendo exportado para Manaus e Belém. arroz, feijão e milho.

POPULAÇÃO QUANTO AO NÚMERO, DENSIDADE E DIVISÃO POR OFÍCIOS OU MEIO DE VIDA, SUA ORIGEM ÉTNICA, GRAU DE CULTURA E MENTALIDADE

Foram recenseados 27 552 habitantes em tôda a região percorrida.

R i o P u r ú s Recenseamento feito da foz do rio *Iaco* a do *Chambuiaco*

Homens maiores de 30 anos	1.074
” de 15 a 30 anos	481
” menores de 15 anos	873
Mulheres maiores de 15 anos	773
” menores de 15 anos	704
Soma	3.905

Acha-se esta população assim distribuída:

25 povoados no Estado do Amazonas	1.818
24 ” ” Território do Acre	1 891
1 Vila (de Castelo)	196
Soma	3.905

Foram contadas 803 habitações, isto é, casas e barracas.

Entre as pessoas maiores de 15 anos que já devem saber ler, em número de 2.328, foram encontradas 1 411 analfabetas, 694 no Território do Acre e 717 no Estado do Amazonas

A porcentagem geral de analfabetos é de 60,6 %.

A do Estado do Amazonas no trecho percorrido é de 66,5 %, e a do Território do Acre de 55,2 %

Mede o percurso da foz do *Iaco* à do *Chambuiaco* 476 km 768, sendo 150 km 864 em território amazonense e 325 km 904 em terras acreanas

Vê-se na simplicidade simbólica dos números a maior densidade de analfabetos no sul do grande Estado do Amazonas do que no Acre

Encontram-se no Amazonas, na zona estudada 4 analfabetos por quilômetro de percurso, ao passo que no Acre só se acham 2

E' natural que, quanto à mentalidade, o Acre esteja mais adiantado No sul amazonense, banhado pelo *Purús*, só encontrei uma escola, na foz do *Iaco*, funcionando em um casebre muito mal apropriado, ao mesmo tempo que no Acre, ao longo do mesmo *Purús*, havia 8 escolas, pensando

o Governador de então, Hugo Carneiro, criar tantas quantos fôsem os povoados com mais de 30 crianças.

Densidade Os habitantes do *Purús*, assim como os dos seus afluentes se escravizaram ao rio, de modo que as margens estão relativamente muito habitadas e o interior quasi despovoado

Em vista disto, vamos fazer a nossa densidade em relação ao quilômetro de rio e não ao quilômetro quadrado

E' mais densa a população do *Purús* no Amazonas do que no Acre. Em 326 quilômetros aproximadamente que o rio banha o Acre, recenseou-se 1.891 pessoas, o que dá uma média de 6 por quilômetro. Nos 151 quilômetros navegados no Estado do Amazonas, encontrou-se 1.818 habitantes que nos forneceram uma média de 12 pessoas por quilômetro de percurso.

Estrangeiros Na população recenseada no rio *Purús* foram encontrados 95 estrangeiros, infra discriminados por nacionalidade .

Peruanos	39
Peruanas	23
Sírios	16
Bolivianos	6
Portugueses	7
Portuguesas	2
Hespanhóis	2
Soma	95

Os peruanos e bolivianos empregam suas atividades no “corte” da seringa, os sírios e portugueses são *regatões*, isto é, vendem mercadorias aos habitantes do rio, os hespanhóis são artífices carpinteiros.

Com exceção de dois peruanos, Don Salim Tôrres e D Alexandre Bardales e o português Antônio Dias Ferreira, todos os demais são analfabetos.

Origem étnica Os habitantes do lugar são oriundos do nordeste do Brasil. Aquela zona foi povoada pelos nordestinos, salientando-se o cearense no tempo em que a borracha valia muito ouro.

Não há cruzamento entre peruanos e brasileiros, os demais estrangeiros já constituíram família no Brasil, pois veem de suas terras natais em busca do “el dorado” completamente sós

Índios No Brasil ainda campeam os índios *curinas* e *tucurinas* completamente domesticados, havendo em território peruano os *cachinoás* ainda muito terríveis.

Os índios não toleram os peruanos, em virtude do maltrato que receberam dos caucheiros do Perú.

Os *curinas* e *tucurinas* habitam o *Santa Rosa*, onde pudemos contar uns 110. Em Papagaio, o Senhor Manuel Batista da Silva trabalha com 77 *curinas*, inclusive o tuchaua, os quais por qualquer motivo abandonam o patrão.

Divisão por ofício ou meio de vida Dos 1.555 homens que habitam o alto *Purús*, em território brasileiro, somente 46 possuem ofícios, os demais são seringueiros, cedreiros, agricultores e caixeiros. O mesmo homem pode exercer, e geralmente exerce, as quatro profissões

Estão assim discriminados os artífices.

Mateiros	6
Seleiro	1
Carpinteiros	26
Mecânicos	2
Tipógrafo	1
Ourives	1
Barbeiro	1
Pedreiro	1
Fogueteiro	1
Ferreiros	3
Funileiro	1
Marceneiro	1
Motorista	1
Soma	46

Quasi todos os carpinteiros são também canoeiros.

Os outros homens, consoante se disse acima, trabalham, ora na seringa, ora na agricultura e ora na madeira.

Rio Chandless Recenseamento feito da sua foz no *Purús* até a fronteira.

Homens maiores de 30 anos	37
” de 15 a 30 anos	7
” menores de 15 anos	31
Mulheres maiores de 15 anos	26
” menores de 15 anos	46
Soma	147

As habitações do *Chandless* são tôdas provisórias, isto é, confeccionadas com palha e paxiúba (palmeira). Foram contadas 39 barracas divididas pelos 7 povoados existentes.

Dos habitantes do *Chandless* só são brasileiros:

Homem maior de 30 anos	1
Mulheres maiores de 15 anos	6
Meninos	6
Meninas	8
Soma	21

Os demais num total de 126 são peruanos incultos, analfabetos e sem noção de pátria, com exceção dos senhores Manacés Seijas e Miguel Gonzalez que habitam o *Alto Chandless*.

Os brasileiros existentes no *Chandless* são oriundos de um cearense com algum preparo que ensinou a todos o que sabia

Falta de recursos Atualmente a população do *Chandless* vive do que o solo produz: banana, macacheira e milho; do que caça e do que pesca. O regime muito mutável das águas do rio e a pouca população não permitem vantagens aos “regatões” que comerciavam nos altos rios.

Podemos afirmar sem receio de êrro que o *Chandless* se acha deshabitado.

Os índios do *Purús* estão, segundo informações, transferindo suas malocas para o *Chandless* e já atacaram uma embarcação do cedreiro Alexandre Delleth na altura do igarapé *Sindrijal*.

R i o I a c o No Brasil, isto é, desde a barra do igarapé da *Glória* até a confluência do *Iaco* com o *Purús*, encontramos os seguintes habitantes:

Homens maiores de 30 anos	1.780
” de 15 a 30 anos	734
” menores de 15 anos	1.505
Mulheres maiores de 15 anos	1.559
” menores de 15 anos	1.635
Soma	7.213

Está esta população dividida pela cidade de Sena Madureira e pelos 50 seringais existentes dos quais somente três estão situados em terras amazonenses.

Na margem contamos 1.326 habitações, número relativamente grande para aquela região.

Entre as pessoas maiores de 15 anos que deviam saber ler, em número de 4 073, encontrei somente, 1 793 analfabetas, o qual nos dá para estas uma porcentagem de 44 %

Há bastante escolas ao longo do rio, visitei as da foz do *Iaco*, Sena Madureira, Tabatinga, Florescência, Natal e Guanabara.

Estrangeiros Incluídos no número geral dos habitantes foram contados os seguintes estrangeiros

Sírios	181
Sírias	20
Portugueses	26
Portuguesa	1
Peruanos	81
Peruanas	12
Rapazes peruanos	28
Meninos peruanos	43
Meninas peruanas	49
Marroquinos	2
Turcos	2
Colombianos	2
Francês	1
Hespanhol	1
Soma	449

Origem étnica O que foi dito para o *Purús*.

Índios Foram recenseados os seguintes índios, que habitam o *Iaco* entre os seringais Guanabara e Petrópolis

Homens	{ <i>mainteneris</i>	23
	{ <i>catianas</i>	13
Mulheres	{ <i>mainteneris</i>	21
	{ <i>catianas</i>	12
Crianças	{ <i>mainteneris</i>	34 meninos
	{ <i>mainteneris</i>	11 meninas
Soma		114 índios

No alto *Iaco*, bem perto das cachoeiras existem os *mashcos* que abriram francamente luta com os peruanos que medrosamente fogem com tudo que possuem, águas abaixo em busca de terras do Brasil, navegando em longas e compridas jangadas

Acho que a criação de um pôsto indígena, na fronteira constituída pelo *Iaco*, seria de grande alcance patriótico, pois além de proteger os *catianas* e *mainteneris* já domesticados, ainda poderia trazer para o Brasil os *mashcos* que se empregam atualmente somente na prática do mal.

Afirmam os fugitivos que os *mashcos* são calvos e mais claros do que os índios comuns.

Divisão por ofício ou meio de vida Somente 113 homens dos 2.514 que habitam o *Iaco*, possuem um ofício. Os restantes são empregados no corte da seringa, colheita da castanha e agricultura. Os homens que habitam a cidade de Sena Madureira em geral, excluindo os artífices, são comerciantes ou empregados no comércio, assim como em cada sede de seringal existem geralmente 2 empregados de armazém e o proprietário.

Podemos contar com os seguintes artistas:

Carpinteiros	31
Ferreiros	21
Funileiros	7
Alfaiates	10
Sapateiros	6
Médicos	2
Serradores	6
Padeiros	2
Motoristas	2
Mateiros	23
Ourives	1
Pedreiro	1
Marcineiro	1
Soma	113

D e n s i d a d e O trecho da terra compreendido entre o *Iaco* e o *Acre* já se acha grandemente habitado, dependendo seus habitantes de um ou de outro, dos dois rios citados

Não podendo fazer uma divisão por unidade de superfície por não possuir dados necessários, vamos dividir, como no *Purús*, por quilômetro linear do rio.

Tendo-se percorrido 521 km e recenseado 7 213 pessoas, encontramos uma média de 13,8 pessoas por quilômetro de percurso

R i o A c r e E' o *Acre* o mais populoso rio da região, o mais rico e o que já tem sua história.

Foram recenseados 14 518 habitantes assim discriminados.

Homens maiores de 30 anos	4.264
” de 15 a 30 anos	1.548
” menores de 15 anos	2.703
Mulheres maiores de 15 anos	3.898
” menores de 15 anos	2.105
Soma	14.518

Esta população vive em 42 núcleos de população, dos quais três são as cidades de Rio Branco, Xapurí e Brasília e os restantes, sedes de seringais

Excluindo as habitações das cidades, contámos ao longo das margens 4.078 habitações, sendo muitas de alvenaria.

Cultura do povo Deviam saber ler 10.010 pessoas, entre estas encontramos 5.392 analfabetas o que nos fornece uma média de 53,9 % de pessoas incultas. O Governador do Acre, Dr. Hugo Carneiro, criou muitas escolas, de modo que em pouco tempo teremos uma percentagem bem melhor.

E' digno de menção o ato patriótico do Coronel Raimundo Vieira Lima, criando, em seu seringal, escolas para adultos.

Estrangeiros Os estrangeiros do Acre são em número de 819, assim divididos por suas nacionalidades:

Portugueses	157
Argentinos	2
Colombiano	1
Alemães	2
Turcos	2
Bolivianos	63
Espanhóis	27
Sírios	344
Marroquinos ..	2
Chileno	1
Japoneses	14
Barbadianos	5
Mouro	1
Italianos . . .	22
Homens peruanos	147
Meninos peruanos	10
Mulheres peruanas	15
Meninas peruanas	4
Soma	819

Em geral os sírios e portugueses são comerciantes nas cidades, proprietários, caixeiros ou "regatões", os peruanos e bolivianos são seringueiros; os japoneses vivem perto das cidades e são horticultores e os demais são empregados em diferentes misteres, não sendo encontrado nenhum sem trabalho.

Origem étnica — a mesma do *Purús*.

Divisão por officio ou meio de vida Os homens recenseados no *Acre* em número de 5.812, estão assim distribuídos por suas occupaões:

Residentes nas cidades e com atividades no comércio e empregados públicos	2.785
Estrangeiros com occupaões já discriminadas	819
Proprietários e empregados nos escritórios dos seringais	117
Artífices	278
Seringueiros, comboieiros e agricultores	1.813
Soma	5.812

Os artífices são os seguintes.

Padeiros	7
Ferreiros	17
Carpinteiros	83
Pedreiros	11
Mecânicos	12
Oleiros	10
Ourives	6
Barbeiros	29
Marceneiros	6
Alfaiates	13
Sapateiros	11
Dentistas	3
Funileiros	9
Médicos	7
Pintores	6
Mateiros	48
Soma	278

Densidade No percurso de 556 quilômetros foram recenseadas 14.518 pessoas, o que nos fornece uma média de 25,9 habitantes por quilômetro de percurso.

Rio Abunã E' pequena a população do *Abunã*, como veremos abaixo:

Homens maiores de 30 anos	747
” de 15 a 30 anos	135
” menores de 15 anos	261
Mulheres maiores de 15 anos	388
” menores de 15 anos	238
Soma	1.769

Esta população está assim dividida

Acre	{	Vila Plácido	91
		11 seringais	867
		Total	958
Amazonas	{	3 Seringais	187
		Povoado de Fortaleza	573
		Bôca do Abunã	51
		Total	811

Foram contadas 479 habitações, 275 em território do Acre e 204 em terras do Estado do Amazonas.

Das 1.270 pessoas maiores de 15 anos que deviam saber ler encontrei 664 analfabetas, formando uma percentagem de 52,2 % de ignorantes.

Origem étnica Os habitantes do *Abunã* são quasi todos, novos e — **Rio de sangue** antigos, o resultado do caldeamento do sangue boliviano e dos assassinos que para lá foram escorraçados de tôda parte do Brasil. Os bons que resistiam à febre, muito forte no *Abunã*, eram mortos por prazer pelos seringueiros que habitavam o caudal e que lhe deram o nome de “rio de sangue”.

O foco principal dos bandidos era a “Cachoeira de Barro” onde matavam para ver a queda do corpo, que denominavam “tombão”.

Só depois de extintos os malfeitores é que o rio começou a progredir economicamente.

Ainda encontrei em “Primor”, resquícios dessa gente má: — um gerente sem coração havia assassinado, sem motivo, 10 índios *cachariris*

Densidade Os 1 769 habitantes foram recenseados ao longo dos 440 quilômetros de percurso, o que nos dá por quilômetro uma média de 4 pessoas, considerando-se somente a margem brasileira.

Índios Os *cachariris* que ainda vivem no *Abunã*, trabalham no seringal “Primor”, onde contámos

Homens	26
Rapazes	16
Mulheres	14
Meninos	8
Meninas	4
Total	68 indígenas

Estes índios são bons, trabalhadores e já se acham domesticados.

Divisão por ofício ou meio de vida Os homens que habitam o *Abunã* são em número de 882, contando somente os maiores de 15 anos

Estão assim divididos

Artífices	25
Empregados federais	7
Empregados de balcão	90
Seringueiros e Agricultores	615
Proprietários	17
Regatões e embarcações	128
Soma	882

São os ofícios seguintes dos 25 artífices:

Sapateiro	1
Carpinteiros	9
Mecânicos	5
Alfaiate	1
Barbeiro	1
Pedreiro	1
Ferreiros	2
Motoristas	5
Total	25

Estrangeiros Contei no *Abunã* os seguintes estrangeiros.

Bolivianos	3
Bolivianas	5
Peruanos	4
Colombianos	3
Sírios	5
Portugueses	10
Total	30

Os sul americanos são seringueiros e os outros “regatões” e comerciantes.

Vê-se neste quadro a ausência de bolivianos em terras brasileiras, apesar de o *Abunã* marcar a linha de fronteira.

ESTRADAS DE ACESSO OU FLAQUEANTES RIOS AFLUENTES

As estradas de acesso são constituídas pelos próprios rios e a *Madeira-Mamoré*, que incidem perpendicularmente sôbre a linha fronteiriça

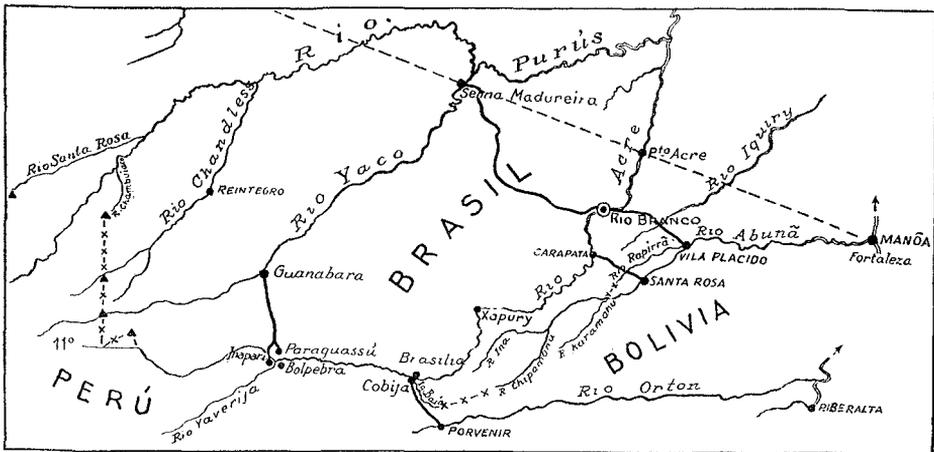
Estas estradas são constituídas no setor percorrido pelos rios *Purús*, *Chandless* e *Iaco* que demandam a fronteira do Perú e pelo *Acre* e o *Ituxí* na direção da Bolívia.

Estradas flanqueantes A zona percorrida não possui propriamente estradas, mas sim varadouros. Afirmam que do *Iaco* ao *Acre*, já existiu uma estrada aberta pelo engenheiro Gastão Lobão, consoante já nos referimos. Percorri o terreno por onde devia ter passado a estrada e encontrei um pique mais ou menos mal feito, em um ou outro seringal. O resto, a opulenta floresta reconquistou de tal forma que é impossível reconhecer-se o seu traçado.

Ligando o *Purús* ao *Iaco*, atravessando os vales do Caeté e do Maucanhã também houve uma rodovia mandada construir pelo Dr. Samuel Barreira: — foi também incorporada ao patrimônio da mata.

Existem bons varadouros em tempo de verão, ligando “Rio Branco” a “Vila Plácido”, “Capatará” a “Santa Rosa”, “Oriente” a “Rio Branco”, “Guanabara” a “Paraguassú”.

Não há atualmente nenhuma comunicação em bom estado, ligando a bacia do *Juruá* à do *Purús*.



LIGEIRO CROQUIS DA ZONA PERCORRIDA PELO AUTOR

Rios afluentes Falaremos somente no *Chandless*, no *Iaco*, no *Acre* e no *Ituxí*. Neste título tratamos também do *Abunã*, afluente da esquerda do rio *Madeira*.

Rio Chandless Antigamente chamado *Araçá* está deshabitado conforme dissemos linhas atrás.

Nasce na mesma serra que o *Purús*, corre primeiramente em território peruano, depois entra no Brasil, onde tem um curso de 300 quilômetros aproximadamente.

O seu curso apresenta corredeiras formadas por salões — superfície de barro bem plana —, estando entre as principais a do “Atualpa” e a das “Araras”. Nesses salões encontra-se com frequência um crustáceo chamado “unha de velha”.

Depois de receber pela direita o *Sindrijal* é quasi impossível a navegação devido à forte velocidade que atinge até 2m,00 por segundo

De Dezembro a Abril pode-se ir em batelão movido a motor até as fronteiras.

O rio acha-se muito sujo, com enormes balseiros, paus espetados no seu leito e muitos atravessando-o completamente.

O *Chandless* tem, perto da foz, a largura de 50 metros, a profundidade no "talweg" de 4m,30 e na margem de 1m,50, o fundo é de areia e lama e a velocidade de 1m,10 por segundo.

R i o I a c o Nasce na mesma serraria onde tem origem o *Purús*, corre em território peruano e ao receber o pequeno igarapé *Glória* começa a deslizar em terras acreanas, banhando a cidade de Sena Madureira, situada na margem esquerda, entrando logo a seguir em território amazonense, onde seu curso é de 10 quilômetros apenas.

O *Iaco* tem a bacia unilateral, pois seus afluentes importantes e até navegáveis são da margem esquerda: o *Riozinho*, o *Macauã* e o *Caeté*

Tem o *Iaco*, perto de Sena Madureira, 80 metros de largura, o seu fundo é de barro, a velocidade de 0m,90 por segundo e a profundidade de 1m,85.

E' um rio muito rico pela quantidade de seringa e castanha que produzem as terras por êle banhadas.

Pode-se ir até a fronteira em batelões movidos a motor de Dezembro a Maio, encontrando-se só um obstáculo a cachoeira de Guanabara

Rio Acre ou Aquirí Tem suas cabeceiras nas mesmas serrarias que separam as bacias do *Purús*, do *Ucaiale* e afluentes do *Madeira*, o ponto principal de sua nascente tem as seguintes coordenadas

Latitude 10° 56' 05",44 e longitude de 70° 31' 46",89 a Oeste de Greenwich. (Almirante Ferreira da Silva).

O *Acre* corre de Oeste para Leste, separando o Brasil do Perú numa extensão de 167km,514 metros e 47 centímetros até receber pela direita o *Iaverija*, onde começa a dividir o Brasil da Bolívia numa extensão de 134km,500 metros, até receber pela direita o igarapé da *Baía*, penetrando então em território brasileiro com o rumo geral de sul para o norte Corre em território brasileiro 680km e 840 metros.

Banha as cidades de "Inaparí", peruana, "Cobija", boliviana, "Brasília", "Rio Branco" e "Benjamin Constant" brasileiras

A navegação em "gaiolas" é feita até Cobija durante a cheia (Dezembro a Maio) e até Rio Branco em outra época.

(1) Iaco quer dizer *água* no idioma inco

A bacia do *Acre* é também unilateral pois seus afluentes importantes são todos da margem esquerda. o *Xapurí*, o *Riozinho* e o *Antimarí*

Rio Ituxí Nasce com o nome de *Iquirí* nos campos "Palmares" do seringal "Itú" aos 10° 27' 11" de latitude Sul e 67° 46' 07" de longitude Oeste de Greenwich desemboca poucos quilômetros a montante da cidade de Lábrea, com uma extensão de cerca de 450 quilômetros

Na contra-vertente da indecisa elevação onde tem sua origem, nasce o *Rapirrã*, havendo aí quasi a junção das duas bacias. *Purús* e *Madeira*

Corre de Sudoeste para Nordeste com um curso muito sinuoso, mas pode ser navegado a vapor durante os meses de cheia

Importância dos afluentes Vê-se que todos os principais afluentes do *Purús* que demandam as nossas fronteiras são navegáveis, constituindo enormes estradas penetrantes

Falta a ligação lateral entre essas estradas

Em caso de guerra teremos somente que progredir ou recuar nesses determinados eixos de marcha, pois o terreno entre cada dois rios se acha no inverno intransitável e no verão transitável apenas para pequenas patrulhas através da mata.

Os nossos vizinhos, não Seus rios acompanham a fronteira — o *Ucaiale* e o *Tauamano* — de modo que podem vigiá-la melhor do que nós

Rio Abunã E' formado por dois rios o *Ina* e o *Chipamanú* O primeiro é hoje brasileiro e o segundo serve de divisa entre o Brasil e a Bolívia Após a confluência daquelas duas cordas potâmicas o *Abunã* serve de limite até receber o *Caramanú*, internando-se depois pela Bolívia até a foz do *Rapirrã*, onde começa novamente a separar as duas repúblicas

Tem um curso aproximado de 800 quilômetros e quasi na sua foz apresenta dois enormes obstáculos, constituídos pelas cachoeiras de *Fortaleza* e *Tambaquí*.

Tem o *Abunã* em "Santa Rosa" (Bolívia) 60 metros e em Manoa (foz) 525 metros

Sua navegação se faz em dois trechos, um da foz, no *Madeira*, até *Fortaleza* e outro daí para montante até ao *Chipamanú*

Resumo histórico do rio Purús Não consta que antes de 1850 fôsse o rio *Purús* penetrado por civilizados que tivessem a intenção de explorá-los Já antes desta época eram os rios *Negro* e *Madeira* sulcados por embarcações e em suas margens existiam vários povoados

No *Dicionário Geográfico do Brasil* de Moreira Pinto se lê o seguinte. "Era o *Purús* conhecido, antes de 1852 por alguns *coletores de drogas*, em uma extensão de 180 a 200 léguas, sem que, todavia, tivesse havido nunca a menor tentativa de exploração "

O *Dicionário Topográfico, Histórico e Descritivo da Comarca do Alto Amazonas*, de Lourenço da Silva Araújo, diz que os fabricantes de manteiga de tartaruga o subiam de mais de 40 dias de viagem e numa certa altura ouviam tiros de artilharia que supunham do Forte do Príncipe, em Mato Grosso

Foi o primeiro Presidente da Província do Amazonas, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, quem organizou duas expedições com o fim de explorar o grande afluente do *Solimões* e procurar comunicações mais diretas com a Bolívia

Uma delas, confiada ao prático Serafim da Silva Salgado, partiu de Manaus a 10 de Maio de 1852 em 2 canoas tripuladas por 12 índios e 12 soldados, gastando na excursão 4 meses e 19 dias.

Do roteiro de Serafim Salgado se tiram as seguintes notícias attingiu o *Purús* em 29 de Maio e no dia 1.º de Outubro alcançou a quinta maloca dos índios *cocamas* que pelo modo de falar lhe pareceu serem pertencentes à Bolívia, pois usavam termos castelhanos; os indígenas que habitavam o *Purús* "confessaram que era a primeira vez que viam gente civilizada".

Se de fato Salgado attingiu a maloca dos *cocamas*, foi êle quasi às nascentes do grande rio, mas não conseguiu fazer a ligação entre a Bolívia e o Amazonas, como pensava Tenreiro Aranha.

Em 1861 foi aprestada nova expedição, confiada ao prático amazense Manuel Urbano da Encarnação, com o mesmo fim de procurar uma comunicação com a Bolívia

Da foz do *Purús* ao seu afluente *Ituxí* gastou 55 dias e daí viajou mais 100 dias, regressando ao fim destes, porque encontrou índios que lhe informaram estar próxima a povoação de Saraiaco, na Bolívia.

Passou durante o seu percurso por 26 malocas, cujos habitantes estimou em 5.000.

Em vista da notícia de que o rio podia ser navegável por barcos a vapor, o Presidente Dr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha fez para alí seguir o vapor de guerra *Pirajá*, indo incumbido da exploração do rio o Dr. Silva Coutinho e o prático Manuel Urbano.

Esta terceira expedição, por falta de mantimentos, regressou de *Hiutanaan* (antes da foz do rio Acre).

Foi enviada ainda outra quarta tentativa, sendo dela incumbido Manuel Urbano. Navegou Urbano o *Purús*, penetrou no *Mucuim* onde navegou 11 dias em canoa e mais 5 em igarapé. Do extremo ponto atin-

gido, seguiu por terra e, ao fim de três dias e meio de caminhada, saiu no "Salto Teotônio" no rio *Madeira*. Calculou a distância feita a pé em 10 léguas

Depois retomou o *Purús*, prosseguiu por êle e entrou no *Ituxi* onde navegou pouco, por se lhe ter acabado o mantimento

Porém, do ponto até onde chegou, ouvia perfeitamente o ruído da cachoeira.

No *Mucuim*, como no *Ituxi*, encontrou beirando os rios, vastos campos naturais.

Depois das explorações indicadas, visitou o *Purús*, em canoa, com o fim de descobrir suas cabeceiras, o engenheiro inglês W Chandless em 1866, no desempenho da comissão de que lhe investiu a Sociedade de Geografia de Londres; e já em nossos dias Euclides da Cunha e o Almirante Ferreira da Silva, também fizeram estudos no importante caudal.

Origem do nome Purús Transcrevo do 3º volume,¹ página 442 da extraordinária obra de Robert Southey, o seguinte "O primeiro rio considerável é o *Ianapuari*, agora chamado *Purús* pelos portugueses, tendo, como muitos outros, tomado o nome da tribo mais poderosa das suas margens Cai no Amazonas do lado do Sul por quatro canais e apesar de pedregoso é navegável o seu leito. Aquí se ouviu falar numa tribo chamada de *Curigueres*, que morava a dois meses de viagem por êste rio acima, e que, tendo dezesseis palmos de altura, eram tão bravos no ânimo como no corpo"

Southey aproveitou o trabalho de Frei Christoval Acunã, de 1639 De fato ainda hoje o *Purús* desemboca no *Solimões* por quatro bôcas e uma delas é a "Cuchiudara" que indubitavelmente foi chamada por Acunã de "Cuchiguara" que era o nome de uma das suas tribus, as outras eram as dos *Cumaiaris*, *Guaquiaris*, *Cuiacianes*, *Purupurús*, *Quatausis*, *Mutuãnis* e *Curigueras*, que são os filhos de Anak, de quem fala Southey No *Alto Purús* e seus afluentes não topei uma única pedra

Continuamos a transcrever o que diz o historiador inglês "Alguns índios apareceram, que pretendendo tê-los visto já, ofereceram-se a servir de guias aos portugueses, para aquele país, dizendo, como que para tentá-los que traziam estes gigantes nus nas orelhas e nariz penduricalhos de ouro de tamanho, devemos presumí-lo, convinhável a tais orelhas e tais narizes "

Não sei se há ouro no *Purús*, mas o fato é que encontrei dois hespanhóis à procura do precioso metal.

Diz Robert Southey: "Tornam-se notáveis os *Perús*, que deram nome ao rio pelos seus obstinados jejuns expiatórios, durante os quais nenhum estado de doença ou fraqueza vale como excusa para quebrá-los,

(1) Tradução do Cônego Fernandes Pinheiro

morrendo efetivamente muitos de abstinências. Os que teem sido aldeados pelos portugueses é preciso à força obrigá-los a comer por estas ocasiões, que não poderam ainda os missionários tirar-lhes o costume

“De todos os afluentes do *Amazonas* é este o que mais cacau produz, salsaparrilha e óleo de copaíba, mas já não é populoso, que lhe teem rareado as tribus as contínuas incursões dos *Muras*, selvagens que são o flagelo deste rio, e provavelmente os mesmos que os *Aimorés*, dos quais tanto em outros tempos haviam sofrido as capitánias do sul do Brasil.

“Abaixo da foz deste rio era a margem austral habitada pelos *Cari-punas* e *Zurinas*, tribus que primavam pela arte de entalhar. Eram suas cadeiras ordinárias cortadas da forma de qualquer animal, não admirando os portugueses menos o engenho e a beleza com que eram talhados, do que o cómodo assento que ofereciam.”

O nome de *Perús* dado ao rio pelos portugueses foi mudado para *Purús* que está mais de acôrdo com o dos índios *Purupurús*, assim chamados por serem portadores da doença do mesmo nome, a qual lhes produz feias manchas no corpo, maximé no rosto e nas mãos

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Lieutenant colonel Lima Figueiredo, illustre officier de l'armée Brésilienne et membre de la Commission de Rédaction de la “Revista Brasileira de Geografia” nous donne, dans cet article, une mémoie du jointain “Território do Acre”, où il a été en 1928 officielement commissioné

Il commence par focalissr les deux plus grandes fleuves de la région: — le Purús et le Juruá, qui se développent en un vaste réseau d'affluents et sub-affluents et qui ne disposent d'aucune voie transversale comme liaison entre les deux bassins, ce qui résulte dans l'isolement des habitants des bords des deux fleuves

Pendant la crue des eaux tout transport est fluvial. On peut naviguer dans le Purús en bateau jusqu'à l'embouchure du Acre, dans l'Amazone, et ensuite en des petites embarcations dans lesquelles il est possible de monter jusqu'à la frontière bolivienne, mais, pendant l'été, à peine jusqu'au Rio Branco

Des bateaux à moteur remorquent les chaloupes. Dans les *barques* on fait usage d'un canot de fond aplati, construit d'un unique tronc d'arbre, généralement impulsé à moteur (motogodille) qui est ingénieusement appliqué à la poupe, de manière à permettre que la hélice soit retirée de l'eau quand un obstacle se montre

Les grandes pluies de décembre à avril (335,4 mm, en janvier) changent la plaine en un grand lac obligeant l'emploi du canot

Les constructions sont bâties sur des palissades: les *barques* dans le centre des “seringais”, les huttes dans les bois, où vivent les “seringueiros”. Liant les diverses huttes à la baraque il existe une série de chemins, ce qui permet le trafic à cheval

L'auteur déclare que le Purús et ses affluents: Chandless, Yaco et Acre, parcourus par lui, appartiennent par des raisons qu'il explique, au cadre de ceux de récente formation et qui travaillent avec énergie à l'érosion d'un terrain inconsistant et aplati. L'auteur se rapporte au phénomène de la “terra caída”, quand les blocks d'un grand ravin, parfois de kilomètres, se détachent, traînant avec, toute une exubérante végétation qui les sert de couverture, foimant foand des fleuves, toute sorte d'obstacles à la navigation

Il nous montre le profile transversal de la vallée de l'Acre par une depression de quinze à vingt mètres, laquelle represente les propres fonds des fleuves et qui continue d'un côté par un talus suave ou fort, suivit du terrain ferme horizontal, et de l'autre coté par une plage qui se prolonge comme des vastes plaines de mil à deux mil mètres d'extension. Parfois, de ce coté, un ravin en forme de digue change la plaine en des lacs, des maraigages etc

Décrivant le Purús, il se rapporte à sa course tortueuse de 3 220 Km, à la grande rapidité dans ses sources qui est presque nulle dans son embouchure, changeant continuellement sa course dans le terrain d'aluvion par lui-même formé.

Il déduit d'un cadre de distances, différences de niveau, déclivité, etc, qu'il publie, qu'en traçant un graphique correspondant aux éléments de ce cadre, on obtien une branche de parabole avec la concavité tournée en haut, étant visible dans cette parabole un degré presque raide qui est représenté par le déclive de 1,60 par Km. Après cette forte escarpe la déclivité du Purús diminue peu à peu, arrivant presque à devenir horizontal à son embouchure

L'auteur décrit les deux stations caractéristiques: l'hiver et l'été.

Pendant l'hiver les fleuves demeurent pleins, et presque sèches pendant l'été. Généralement de 4 en 4 ans des inondations dévastent la région. Le débordement se processe en octobre et le reflux en avril.

En étudiant la végétation il déclare quelle est exubérante et variée, on y trouvant des les graminées rampantes, jusqu'à la monstrueuse *Samaumeira*. Il rehausse l'excellence des bois à construction, les nombreuses plantes textiles, gommeuses, médicinales, grimpanes et les palmiers

La dépréciation du caoutchouc obligea la plantation des "roçados" où l'on cultive le millet, le café, le haricot, etc., et les "seringueiros" qui importaient tous leurs articles indispensables, commencent à produire leur genres de première utilité

Pour étudier le climat l'auteur a obtenu des données à la station de Senna Madureira, se rapportant à la période de juillet 1927 jusqu'à juin 1928

Il conclut que, étant l'équateur thermique incliné vers l'hémisphère sud en relation à l'équateur proprement dit, et comme le "Território do Acre" est en général situé entre les parallèles 8° et 11°, la région devait être extrêmement chaude Toutefois, la forêt et le réseau de fleuves proportionnent une température moyenne de 27°,1, parfaitement supportable

Il remarque au mois de septembre, des oscillations brusques baissant rapidement jusqu'à 10° Pendant les mois de décembre et janvier il pleut presque tous les jours, inondant toute la région Au temps du dégel des montagnes des Andes, il souffle vers la direction du S O un vent très froid, qui fait des morts parmi les habitants et, même parmi les animaux

L'auteur défend le climat du Território do Acre, affirmant qu'il n'a point constaté dans la région ce que généralement est dit à propos de son insalubrité

Il analyse la production et le commerce, décevant celui du caoutchouc, qui se montre déjà avec un aspect prometteur dû à l'intérêt des "seringueiros" pour les arbres, organisant les plantations et épargnant le plus possible l'arbre lorsqu'ils ont à lui faire la coupe nécessaire ayant abolie l'usage de la hache Il explique la récolte du latex: — le "seringueiro" gratte l'arbre à peu près un palme et puis il fait un risque incliné avec un couteau approprié colant une petite écuelle de fer-blanc à l'extrémité du risque Le soir il recueille le latex et dans sa hutte le défume

L'auteur se rapporte au grand nombre de châtaigniers dans la région des fleuves Acre et Abuná et décrit les procédés spéciaux pour la cueillette et le traitement du "caucho", du cèdre et de "l'aguano"

Étudiant la population, l'auteur nous fait savoir que pendant son voyage elle a été recensée en 27 552 habitants, dans toute la région parcourue

Il examine cette population quant au nombre, densité, offices, origine ethnique, degrés de connaissance et mentalité.

Pour réaliser cet étude il divise la région en: — "rio Purús" qui comprend dès l'embouchure de l'Yaco jusqu'à celle du Chambuyaco; "rio Chandless" de son embouchure dans le Purús jusqu'aux frontières; "rio Yaco", dès l'Igarapé Glória jusqu'à la confluence de l'Yaco avec le Purús; "rio Acre", celui qui présente la population plus dense et qui a déjà son histoire, et le "rio Abuná" peu peuplé

Par sexe on rencontre: — 7 902 hommes au dessus de 30 ans et 8 278 au dessous, formant un total de 16 180, et femmes: 11 372 Le nombre d'étrangers est de 1 519, surtout les syriens qui forment un total de 530 personnes suivit des péruviens avec 306, et des portugais avec 157 Le calcul de la densité, considérant que la plus grande agglomération est au bord des fleuves, a été fait par kilomètre d'extension du fleuve

La moindre densité est celle du fleuve Abuná, avec 4 habitants par Km, et la plus grande fut rencontrée au bord du Acre avec 25,9 par Km

L'origine ethnique est d'une manière générale la même pour les diverses fleuves, l'Abuná à peine fait différence car on y trouve le croisement avec du sang bolivien au lieu du sang nordestine Les indiens de la région se trouvent tout à fait domestiqués, ils appartiennent aux tribus des *curunas*, *tucurinas*, *mainteneris*, *catianas* et *cachartris*, et sont en petit nombre La percentage d'analphabètes varie de 60,6% dans le Purús jusqu'à 44% dans le Yaco, le plus peuplé l'Acre présentant 55,9% d'analphabètes, tendant tout de même à diminuer grâce à l'inauguration des nouvelles écoles dans la région

En terminant ses observations, l'auteur se rapporte aux routes en trafique ou flaquant et étudie les moyens de communications entre les diverses affluents Dans le dernier chapitre, il fait un rapide historique sur le "rio Purús" et l'origine de son nom

El Teniente-Coronel Lima Figueiredo, ilustre oficial de nuestro Ejército y miembro de la Comisión de Redacción de esta Revista da, en ese artículo, una memoria acerca del lejano Território del Acre, adonde estuvo en 1928, en misión oficial

De inicio focaliza los dos mayores rios de la región: el Purús y el Juruá, desarrollándose en amplia red de afluentes y subafuentes y no disponiendo de una vía transversal que ligue las dos cuencas, dejando aisladas sus poblaciones

En las llenas de todo el transporte es fluvial En buques se navega en el Purús hasta la hoz del Acre, en el Amazonas y, de allá, en pequeñas embarcaciones con rueda a la popa, en las cuales es posible subir hasta la frontera boliviana y, en el verano, solamente hasta Río Branco

Lanchas de motor tiran los barcos En los *barracones*, usan una canoa de fondo chato, hecha de un solo tronco de árbol, movidas, en general, a motor (motogodille) ingeniosamente aplicado a la popa, de modo que permita que se saque la hélice del agua cuando surge un obstáculo

Grandes lluvias de diciembre a abril (335,4 mm en enero) transforman toda la llanura en inmenso lago, forzando el empleo de la canoa

Las construcciones son hechas sobre estacadas: *barracones*, en la sede de las plantaciones de goma (seringais), en *barracones*, en el bosque, adonde viven los "seringueiros" Ligando las diferentes *barracones* al *barracon* hay una red de varaderos, lo que permite el tráfico a caballo

Dice el autor que el Purús y sus afluentes: Chandless, Yaco e Acre, por él conocidos, estan, por razones que presenta, en el cuadro de los de reciente formación y en el cual trabajan, energía y continuamente, erosiones en un terreno aplastado y sin consistencia Refiere al fenómeno de la *tierra caída*, cuando bloques de barro, a las veces de quilómetros, erodidos, se despliegan, arastrando toda la exuberante flora que los reviste y formando, en los cauces de los rios, obstáculos de toda especie

Presenta el perfil transversal de la cuenca acreana por una depresión de quince a veinte metros, la cual representa los propios lechos de los rios, y que continua de un lado por un talud, suave ó fuerte, seguido del firme horizontal, y, del otro, por una playa que se prolonga en anchas planicies de mil a dos mil metros de extensión Muchas veces, de este lado, un barranco en forma de dique, transforma la planicie en lagos, pantanos, etc

Describiendo el Purús, dice de su percurso sinuoso de 3 220 km, de su fuerte velocidad cerca de las nacientes y de la casi ninguna en la hoz, mudando constantemente su curso en el terreno de aluvión por él mismo formado

Deduca, de un cuadro de distancias, diferencias de nivel, declividad, etc., que publica, que trazándose un gráfico correspondiente a los elementos de aquel cuadro, obtendríamos una rama de parábola, con la concavidad volvida para arriba, mostrándose en esa parábola un escalón casi abrupto representado por el declive de 1,60 por quilómetro Después de esta fuerte rampa la declividad del Purús va disminuyendo sucesivamente, hasta casi se horizontalizar en la embocadura

Describe las dos estaciones características: el invierno y el verano En el invierno los ríos están llenos, y casi secos en el verano Generalmente de 4 en 4 años hay llenas devastadoras. Comienzan las llenas en octubre y las vaciantes en abril

Tratando de la vegetación dice ser la misma opulenta y variada, viéndose desde la gramínea rastreante hasta la monstuosa "samaumeira" Salienta las excelentes maderas para construcción y carpintería, innumerables plantas textiles, gomíferas, medicinales, trepadoras y palmeras La caída del precio de la goma forzó el plantío de *rozados*, siendo cultivado el maíz, café, habas, etc y los "seringueiros", que todo importaban, comienzan a producir generos de primera necesidad.

Del clima obtuvo datos en la estación climatológica de Sena Madureira, correspondientes al período de julio de 1927 a junio de 1928 Concluye que siendo el ecuador térmico inclinado hacia el hemisferio sur en relación al ecuador propiamente dicho y estando el Territorio del Acre, de un modo general, entre los paralelos 8° y 11°, debíamos esperar una región extremadamente caliente Entretanto, la floresta y el arañuelo de ríos le proporcionan una temperatura media de 27,1, perfectamente suportable Notó, en el mes de setiembre, bruscas oscilaciones, bajando rápidamente a 10°

En los meses de diciembre y enero llueve casi diariamente, alagando toda la región Por ocasión del deyeo de los Andes costumbra soplar de SW un viento muy frío, habiendo muertes entre los habitantes y hasta entre los animales

Defiende el clima del Acre, afirmando no haber visto por allá lo que se dice en general de su insalubridad

Analiza la producción y el comercio, describiendo los de la goma, que ya se presenta con aspecto bien promisor por el interés de los "seringueiros" por los árboles, efectuando plantaciones, ahorrándolas en sus golpes, habiendo abolido el uso de la hacha Da el proceso de la cosecha del latex: el "seringueiro" raspa el árbol en una extensión de un palmo, hace una raya inclinada con un cuchillo apropiado y pega con cola una taza de lata en la extremidad de la raya Terminado el día coje la leche y, en la barraca, lo ahuma

Habla de la abundancia de castañeros en la región de los ríos Acre y Abuná y describe los procesos peculiares a la cosecha y beneficiamiento del caucho, cedro y aguano

Refiriéndose a la población dice que, en la época de su viaje, fueron empadronados 27.552 habitantes, en toda la región atravesada Estudia esta población cuanto al número, densidad, división por oficios, origen étnico, grado de cultura y mentalidad

Para este estudio divide la región en: río Purús, de la hoz del Yaco a la del Chambuyaco; río Chandless, desde su hoz en el Purús hasta las fronteras; río Yaco, de la embocadura del riachuelo Glória hasta la confluencia del Yaco con el Purús; río Acre, el más populoso y que tiene y ya su historia, y río Abuná de reducida población

Por sexo encontramos: 7.902 hombres de más de 30 años y 8.273 de menos, en un total de 16.180; y mujeres: 11.372 El número de extranjeros es de 1.519 abutando los sirios con 530, seguidos de los peruanos con 306 y portugueses con 157 El cálculo de la densidad, dada la mayor aglomeración a la margen de los ríos, fué hecho por quilómetro de extensión de río La densidad más floca es la del río Abuná, 4 personas por km, siendo la mayor observada en el río Acre, con 25,9 por km El origen étnico es, en general, idéntico para los varios ríos, diferenciándose el Abuná adonde, en lugar de la sangre nordestina, encontramos la mestizaje con la sangre boliviana Los indios, completamente domesticados, son los *curunas*, *tucurinas*, *mainteneris*, *catianas* y *cacharitis*, todos en pequeño número El porcentaje de analfabetos va de 60,6% en el Purús hasta 44% en el Yaco, siendo que el más populoso, el Acre, presenta 53,9% de incultos, tendiendo a bajar en virtud de la abertura de nuevas escuelas

Finalizando su estudio, habla de los caminos de acceso ó flanqueantes, con el estudio de los medios de comunicación de los varios afluentes y, en el capítulo final, hace ligero historico del río Purús y del origen de su nombre

Il Tenente Colonnello Lima Figueiredo, illustre ufficiale del nostro Esercito e membro della Commissione di Redazione di questa Rivista, pubblica una memoria sul lontano Territorio dell'Acre, dove fu nel 1928 in missione ufficiale

L'autore comincia col porre in rilievo i due grandi fiumi della regione, il Purús e il Juruá, che si sviluppano in una fitta rete di affluenti e di subaffluenti I due bacini non sono però collegati trasversalmente tra loro, così che le loro popolazioni rimangono separate

Duante le piene tutti i trasporti si fanno per via fluviale. Battelli a vapore possono navigare il Purús fino alla confluenza dell'Acre, nello Stato di Amazonas; di lì, con piccole imbarcazioni mosse da una ruota a poppa, si può risalire fino alla frontiera boliviana; d'estate, però, solo fino alla città di Rio Branco

Le chiatte sono rimorchiate da lance a motore Nei *capannoni* (magazzini posti sul fiume) si usa la "motogodille": una canoa a fondo piatto mossa da un motore applicato a poppa in modo tale che l'elica può essere sollevata dall'acqua quando si incontra un ostacolo

Grandi piogge da dicembre a aprile (335,4 mm. di pioggia in gennaio) trasformano tutta la pianura in un grande lago, così che le comunicazioni sono possibili solo per mezzo di barche

Le costruzioni sono fatte su palafitte: *capannoni* nei luoghi di raccolta della gomma; *capanne*, nella foresta, dove vivono i lavoratori Tra le *capanne* e il *capannone* vi é una rete di sentieri, che si possono percorrere a cavallo

Il Purús e i suoi affluenti, Chandless, Iaco e Acre, che l'autore percorse, sono, come egli dimostra, di recente formazione, ed erodono energicamente e continuamente il terreno piano e friabile E' notevole il fenomeno della *terra caduta*: grandi blocchi di sponda, talora per chilometri di estensione, cedono all'azione erosiva e corollano nel fiume, trascinando tutta l'esuberante vegetazione che li riveste e formando nel fiume ostacoli di ogni sorta

L'autore presenta la sezione della valle dell'Acre, come una depressione di quindici a venti metri, che rappresenta i letti dei fiumi, fiancheggiata da un lato da una scarpata più o meno inclinata, cui segue la *terra ferma* (terreno alto inaccessibile alle inondazioni), piana; e dall'altro lato, da una spiaggia che si prolunga in una fascia piana di mille o due mila metri di larghezza Talvolta da questo lato un rialzo di terreno, in forma di diga, trasforma la detta fascia in laghi o pantani

Parla del percorso sinuoso del Purús, lungo 3 220 chilometri; e della velocità della sua corrente, fortissima nel corso superiore e quasi nulla verso la foce; dei continui cambiamenti di corso del fiume nel terreno alluvionale da esso stesso portato

Da un quadro di distanze, differenze di livelli, pendenze, ecc., l'autore deduce un grafico in forma di ramo di parabola, concavo verso l'alto. In questa curva, l'inizio corrisponde al dislivello di m. 1,60 per chilometro. Dopo questa forte discesa, l'inclinazione del Purús diminuisce gradatamente fino a quasi annullarsi alla foce.

L'inverno e l'estate sono le due stagioni caratteristiche: d'inverno i fiumi sono in piena, d'estate quasi asciutti. Le piene cominciano in ottobre, le secche in aprile. In genere ogni quattro anni si hanno piene devastatrici.

La vegetazione è ricca e variata, dalla serpeggiante graminacea alla tossuosa samaumeia. S'incontrano ottimi legnami da costruzione e da lavoro; numerose piante tessili, gommifere medicinali, rampicanti, e molte specie di palme. La caduta del prezzo della gomma ha dato impulso alla piantagione di granturco, caffè e fagioli, nelle radure, e gli estattori di gomma, che importavano tutto, cominciano a produrre essi medesimi i generi di prima necessità.

Intorno al clima, l'autore raccolse dati alla stazione climatologica di Sena Madureira, per il periodo luglio 1927-giugno 1928. Poiché l'equatore termico è inclinato verso l'emisfero meridionale, rispetto all'equatore geografico, e poiché il Territorio dell'Acre è situato tra i paralleli 8° e 11°, questa regione dovrebbe essere molto calda. Invece, grazie all'azione della rete fluviale e della foresta, la temperatura media è di 27° 1, cioè, perfettamente sopportabile. L'autore notò in settembre brusche oscillazioni della temperatura, che scese rapidamente a 10°.

In dicembre e in gennaio piove quasi ogni giorno, e tutta la regione si allaga. Quando avviene il disgelo sulle Andes, soffia da S. O. un vento molto freddo, che giunge a cagionare morti fra gli uomini e perfino tra gli animali.

L'autore però scagiona il clima del Territorio dell'Acre, asserendo di non aver trovato conferma di quanto comunemente si dice sulla sua insalubrità.

Analizza i prodotti e i commerci, soffermandosi sulla produzione della gomma, che si presenta promettente perché se ne fanno piantagioni, si risparmia l'albero quando se ne estrae la gomma, e si è abolito l'impiego dell'ascia. Descrive poi il processo di estrazione della gomma: il "seringueiro" raschia sul tronco una superficie di circa un palmo, vi pratica una incisione inclinata, con un apposito coltello, ed attacca un piccolo recipiente di latta in fondo al taglio. La sera, poi, raccoglie il lattice e lo affumica nella sua capanna.

Rileva l'abbondanza di noci del Pará, e descrive i processi particolari di raccolta e di sfruttamento del caucho (altro lattice), e di altri prodotti forestali.

Nell'epoca del viaggio dell'autore, furono recensiti 27 552 abitanti in tutta la regione percorsa. Egli studia questa popolazione con riferimento al numero, alla densità, alle occupazioni, all'origine, al grado di cultura, e alla mentalità.

Per questo suo studio, divide la regione in varie parti: zona del fiume Purús, dalla confluenza dello Iaco fino a quella dello Chambuyaco; zona del fiume Chandless, dalla confluenza col Purús alla frontiera; zona del fiume Iaco, dalla confluenza dell'Igarapé Glória fino a quella col Purús; zona del fiume Acre, più popolata, e che già ha una sua storia; zona del fiume Abuná, poco popolata. La divisione per sesso risultò di: 7.952 uomini dai trent'anni in su, e 8 278 fino a trent'anni, cioè, in totale, 16 180; e 11 372 donne. Gli stranieri erano in numero di 1.519, di cui 530 siriani, 306 peruviani, e 157 portoghesi. La densità è calcolata per chilometro di lunghezza di fiume, dato il maggior agglomeramento in riva ai corsi d'acqua. La minor densità risultante è quella del fiume Abuná, con 4 persone per chilometro, e la maggiore quella dell'Acre, con 25,9 persone per chilometro. L'origine etnica è in generale analoga nelle zone dei vari fiumi, tranne che in quella dell'Abuná, dove, invece che elementi del Nordest brasiliano, si incontrano soprattutto elementi d'origine boliviana. Gli indiani, completamente ammansati, appartengono ai *curumas*, *tucurinas*, *mainteneiris*, *catianas* e *cacharis*: tutti in piccolo numero. La percentuale di analfabeti va da 60,6 nella zona del Purús, fino a 44 in quella dello Iaco. Nell'Acre, più popoloso, è di 53,9, ma tende a diminuire, grazie all'apertura di nuove scuole.

Concludendo lo studio, l'autore tratta delle vie d'accesso, o prossime, e dei mezzi di comunicazione dei vari affluenti, e accenna brevemente alla storia del Purús ed all'origine del suo nome.

Lieutenant colonel Lima Figueiredo, distinguished officer in the Brazilian army, fellowship of the Complementary Delegation of this Review, presents in this article, a memory, of the remote Territory of the Acre, which he has visited in 1928 officially commissioned.

Initially the author points out the two largest rivers of the region: — the Purús and Jurua, which are developed in an extensive net of confluent and sub-confluents, with no transversal mean of communication joining the two basins, resulting so in isolation of the inhabitants of both basins.

During the flood tide transportation is undertaken exclusively by rivers. One can sail on boat in the Purús until the mouth of the Acre in the Amazon and then, in stern paddle steamers, which are able to go up as long as the Bolivian frontier, and, in summer season, just as far as Rio Branco.

Motor launches tow the lighters. In the sheds are used flat bottomed canoes, constructed of a single stem of tree, moved generally by motor (motogodille) wittily placed to the stern so as to allow the screw to be retired from water every time obstacles appear.

The heavy rains from December to April (335,4mm in January) change the valley into a large lake obliging the use of canoes.

Buildings are constructed on piles, sheds in the caoutchouc centers, huts, in the wood, where the "seringueiro" (gatherer of caoutchouc latex) lives.

Connecting the different huts to the shed there is a net of pathways which allows traveling on horse back.

The author declares that the Purús river and its confluent: Chandless, Yaco and Acre, which he crossed, are by reasons he explains, in the table of those recently formed and that work continually with energy in the erosion of an inconsistent and flat land. The author reports, to the phenomenon known as "land slide", blocks of river banks some of Km which disengage, trailing along all the exuberant flora that cover them up, constituting in the river beds, all kind of difficulties.

The author presents the transversal profile of the accean valley by a depression of about fifteen to twenty meters, which describes the bed of the rivers, and extends on one side by a channel, smooth or rough, followed of the firm horizontal land, and on other side by a river shore that continues as large fields of about one or two thousand meters of extension.

Sometimes, from this side a steep river bank changes the field in lakes, marsh etc

Describing the Purús river, he mentions its irregular course, covering the distance of 3.220 Kms, its beds great rapidity, almost inexistent in its mouth, changing constantly its direction in the alluvion land formed by this river

He concludes from a table of distance, level differences, declivity etc which he publishes, that, designing a graphic reporting to the data of the mentioned table, a parable section is obtained with the concavity turned upward, showing this parable an acclivous degree representing a declivity of 1,60 by Km

After, this hard slope the Purús declivity decreases little by little, becoming nearly horizontal at its mouth

He describes the two characteristic seasons: winter and summer. During the winter the rivers overflow and remain almost dry in the summer. Generally every 4 years happens a destroying flood. The water swelling start in october and the ebbing in april

Studying the vegetation the author declares it is rich and varied, finding there from the smallest grasses to the enormous Samaumeia. He resaults the excellency of timbers, the great number of textil, gummy and medicinal plants, the clambers and palm-trees. The decline of the caoutchouc price obliged the planting of the "roçados" (cut down and burned lands) where is cultivated indian corn, coffee, beans, etc and the "seringueiro" who imported everything he needed, began to produce all his own indispensable articles

Studying the climate, the author obtained data from the climateric station of Sena Madueira reporting to the period of July 1927 to June 1928. He concludes that being the thermic equator inclined towards south hemisphere in relation to the properly known equator, and as the "Território do Acre" is situated generally between the parallel 8° and 11°, one should expect the region to be extremely hot. But the forest and river net accords an averagable temperature of 27°, perfectly supportable. In the month of september the author remarked rough oscillations, suddenly declining to 10°

During the months of december and january it rains every day, inundating all the region.

During the thaw season of Andes moutains, usualy blows from the S E a cold wind, provoking death midst the habitants and even midst animals

The author upholds the Acre climate, stating he did not veify there what is generally said about it's insalubrity

He analyses the production and commerce, describing the caoutchouc one, which shows itself very promising for the "seringueiro" takes great care with caoutchouc trees, planting and sparing them mostly in the cut, having gived up the use of axe. He explains the latex gathering: — the "seringueiro" scrapers an inch of the tree, makes and inclined cut with a proper knife and joins a small tin porringer to the extremity of this cut. At day dawn he gathers the latex and in his hut smokes it

The author refers to the great number of chest nut trees in the region of the Acre and Abuná rivers and describes the peculiar manners of gathering and treating the "caucho", the cedar tree and the "aguano"

Reporting to population he declares that during his permanence in the place the habitants were censured, making a total of 27 552 in all the visited region. He studies this population by number, density, professions, ethnic origin, knowledge, and mentality

To realize this study he divides the region in: — Purús river, from the Iaco mouth to the Chambuyaco one; Chandless river, from its mouth, in the Purús river to the frontiers; Yaco river, from the Igarapé Glória to the confluence of the Yaco with the Purús; Acre river, the most populated and, which has already his history; and the Abuná river little populated

Studying the habitants by sex he concludes: — there are 7 902 men above 30 years old and 8 278 less aged, making a total of 16 180; and women: 11 372. The strangers are about 1 519, principally the syrius which are in number of 530, folowed by the peruvian with 306 and the portuguese with 157.

Remarking the habitants agglomeration in the rivers margin the calculation of their density was based by Km of river extension. The smallest density was in the Abuná river, found 4 habitants by Km, and the greatest one in the Acre river, with 25,9 by Km. The ethnic origin is generally the same to all rivers, making difference the Abuná where in stead of Nordeast blood is noted the welding with bolivian blood. The few natives existing are completely domesticated, and belong to the *Curunas*, *Tucurinas*, *Mainteneris*, *Catianas* and *Cachariris*, groups

The average of ignorant people oscillates from 60,6% in the Purús to 44% in the Yaco, the most populated of all rivers, the Acre, presents 58% of incult people, the tendence being however to decline for the reason of new schools opening

Finishing hes observations, the author reports to rail roads studying the means of communications of the several confluents and, in hes last chapter makes a rapid historic of the Purús river and the origin of its name

Oberstleutnant Lima Figueiredo, ein angesehener Offizier unseres Heeres und Mitglied des Redaktionskomités dieser Zeitschrift gedenkt im vorliegenden Artikel des fernen Acregebiets, wo er 1928 in offizieller Mission gewesen ist

In den Brennpunkt seiner Betrachtung stellt er zu Anfang die beiden grössten Flüsse der Gegend: — den Purús und den Juruá, die sich in einem weiten Netz von Nebenflüssen und Zuflüssen ausbreiten, aber keine Querverbindung haben, die die beiden Flussgebiete verbindet, sodass ihre Anwohner isoliert bleiben

In der Zeit, in der die Flüsse wasserreich sind, findet der gesamte Verkehr auf ihnen statt. In Dampfschiffen fährt man auf dem Purús bis zum Acre-Mündung im Amazonasgebiet und von da mit kleineren Fahrzeugen mit Rad am Heck, mit denen es möglich ist, bis zur bolivianischen Grenze heraufzufahren, im Sommer indessen nur bis Rio Branco

Motorboote ziehen die Schleppkähne. An den Stapelplätzen benutzen sie ein Kanu mit flachem Boden, das aus einem einzigen Baumstamm gemacht ist und gewöhnlich durch einen am Heck sinnreich angebrachten Motor angetrieben wird, der es gestattet, die Schraube aus dem Wasser zu nehmen, wenn ein Hindernis auftaucht

Grosse Regengüsse von Dezember bis April (im Januar 335,4 mm) verwandeln alles Flachland in weiten See und zwingen zur Verwendung des Kanus

Die Bauten sind Pfahlbauten: Speicher, wo es viele Kautschukbäume gibt, Hütten im Walde, wo die Kautschukgewinner leben. Die verschiedenen Hütten sind mit dem Speicher durch ein Netz von Pfaden, die einen Verkehr zu Pferde erlauben, verbunden

Verf sagt, dass der Purús und seine Nebenflüsse: Chandless, Yaco und Acre, die er bereits hat, aus Gründen, die er dalegt, zu denen jüngster Formation gehören und nachdrücklich und beständig Auswaschungen in einem nachgiebigen und abgeflachten Gelände bewirken. Er erwähnt die Eiseinschneidung des *Erdrutsches*, wenn unterhöhlte Blöcke, bisweilen kilometerweit, ausgewaschen sich lösen und die ganze reiche Flóra, die sie tragen, mit sich fortzieht und in den Flussbetten dann Hindernisse aller Art bildet.

Verf. zeigt ein Querprofil des Aciets mit einer Senke von 15 bis 20 Meter, die die eigentlichen Flussbetten darstellt und sich auf der einen Seite in sanfter oder starker Neigung fortsetzt, auf die dann wägerechter fester Boden folgt, auf der anderen Seite ein Flussufer, das sich tausend bis zweitausend Meter weit in ausgedehnten Ebenen dahinzieht. Bisweilen verwandelt auf dieser Seite das Stauhindernis eines Felsens die Ebene in Seen, Sümpfe usw.

Bei der Beschreibung des Purús schildert der Verf. dessen gewundenen, 3 220 km langen Lauf, die starke Strömung im Quellgebiet und das Fehlen fast jeder Strömung nach der Mündung hin und die ständige Aenderung des Laufes in dem von ihm selbst gebildeten Schwemmland.

Aus einer Tabelle der Entfernungen, der Spiegelunterschiede, des Gefälles usw., die er veröffentlicht, folgert Verf., dass, wenn man auf Grund der Angaben dieser Tabelle eine graphische Darstellung machen wollte, man einen Parabelast erhalten würde, konvex nach oben, und dass sich in dieser Parabel eine fast plötzliche Stufe, die sich aus dem Gefälle von 1,60 auf den Kilometer ergibt, zeigen würde. Nach dieser starken Neigung nimmt das Gefälle des Purús mehr und mehr ab bis er nach der Mündung zu fast ganz eben fließt.

Verf. beschreibt die beiden Hauptjahreszeiten: Winter und Sommer. Im Winter führen die Flüsse viel Wasser, im Sommer sind sie nahezu ausgetrocknet. Im Allgemeinen gibt es von vier Jahren zu vier Jahren Hochwasser mit Verwüstungen. Im Oktober beginnt die Zeit des Wasserreichthums, im April die der Wasserarmut.

Was die Vegetation angeht, so beschreibt sie Verf. als üppig und vielfältig, angefangen vom niedrigen Gras bis zur riesigen Sumaumeira. Er hebt die für Bau- und Möbelschreinerei ausgezeichneten Hölzer hervor, zahllose Textilpflanzen, Gomifern, Heilpflanzen, Kletterpflanzen und Palmen. Der Preissturz des Kautschuks nötigte zur Vornahme von *Rodungen*, in denen Mais, Café, Bohnen usw. angepflanzt sind; die Kautschukgewinner, die alles einführen, beginnen jetzt Lebensmittel täglichen Bedarfs selbst zu erzeugen.

Über das Klima erhielt Verf. in der Wetterstation Sena Madureira Unterlagen und zwar für die Zeit Juli 1927 bis Juni 1928. Er schliesst, dass, da der Wärmeäquator im Verhältnis zum eigentlichen Äquator nach der südlichen Halbkugel hin sich verschiebt, und das Acregebiet im allgemeinen zwischen dem 8 und 11 Breitengrad liegt, wie eine ausserordentlich heisse Gegend erwarten müssten. Wald und Flussnetz indessen schaffen eine mittlere Temperatur von 27,1 Grad, die durchaus eiträglich ist. Verf. notierte im Monat September plötzliche Schwankungen, wobei die Temperatur rasch auf 10 Grad fällt.

In den Monaten Dezember und Januar regnet es fast täglich, sodass die ganze Gegend überschwemmt ist. Wenn es in den Anden taut, pflegt ein sehr kalter Südwestwind zu wehen, der unter den Einwohnern und sogar in der Tierwelt Todesopfer fordert.

Verf. verteidigt das Acreklima; er versichert nichts von dem wahrgenommenen zu haben, was man gemeinlich über seine Unzuträglichkeit behauptet.

Er beschreibt Erzeugung und Handel und schildert die Kautschukgewinnung, die sich bereits vielversprechend gestaltet; die Kautschukgewinner hätten Interesse für die Bäume, legten Pflanzungen an und verführen vorsichtig beim Anschneiden der Bäume; den Gebrauch des Beiles hätten sie abgeschafft. Die Milchgewinnung geht so vor sich: — der Kautschukgewinner säubert den Baum in der Breite einer Hand, macht mit einem geeigneten Messer einen Einschnitt und befestigt am Ende dieses Einschnittes ein Blechgefäss. Wenn der Tag zu Ende geht, holt er die Milch und räuchert sie im Schuppen.

Verf. spricht dann weiterhin von dem übergrossen Reichthum an Kastanienbäumen im Flussgebiet des Acre und des Abuná und beschreibt die besonderen Verfahren zum Einsammeln und Verbessern des Cauchobaums, der Zedei und des Aguanobaums.

Was die Bevölkerung angeht, so seien zu Zeit seiner Reise im gesamen, von ihm bereisten Gebiet, 27 552 Einwohner gezählt worden. Verf. untersucht diese Bevölkerung im Hinblick auf Zahl, Dichtigkeit, Berufsgliederung, völkische Abstammung, Kulturstand und geistige Verfassung.

Für diese Untersuchung teilt er das Gebiet ein in: — Purúsfluss, von der Yaco-Mündung zur Chambuyaco-Mündung; Chandlessfluss, von seiner Mündung in den Purús bis zu den Grenzen; Yacofluss, von der Mündung des Igarapé Gloria bis zum Zusammenfluss des Yaco mit dem Purús; Acifluss, der am meisten bevölkerte und der bereits seine Geschichte hat; und der Abunáfluss mit kleiner Anwohnerzahl.

Was das Geschlecht angeht, so finden wir: — 7 902 Männer über 30 Jahre und 8 278 unter 30, zusammen also 16 180 und 11 372 Frauen. Die Zahl der Fremden ist 1 519, wobei die Syrier mit 530 an erster Stelle stehen, dann folgen die Peruaner mit 306 und die Portugiesen mit 157. Die Dichtigkeitsberechnung wurde in Anbetracht der grössten Anhäufung an den Flussufern für einen Kilometer der Flusslänge vorgenommen. Die schwächste Dichtigkeit ist die des Abuná, 4 Menschen auf den Kilometer, die stärkste am Acre mit 25,9 auf den Kilometer. Die völkische Abstammung ist im allgemeinen für die verschiedenen Flüsse die gleiche; der Abuná unterscheidet sich insofern, als, anstatt des nordöstlichen Blutes, wir eine Beimischung bolivianischen Blutes finden. Die vollkommen sesshaften Indianer sind die *Curunas*, *Tucurinas*, *Mainteneris*, *Catianas*, und *Cachairis*, alle an Zahl klein. Der Prozentsatz an Analphabeten beträgt 60,6% am Purús, 44% am Yaco und 53,9% in der volkreichsten Gegend, am Acre, wobei sich infolge der Eröffnung neuer Schulen eine fallende Tendenz ergibt.

Zum Schluss seiner Untersuchung spricht Verf. über die Zugangs- und Randstrassen, bespricht die Verkehrsmittel der verschiedenen Zuflüsse und gibt im Ausgangskapitel eine kurze Geschichte des Purúsflusses und der Herkunft seines Namens.

Subkolonelo Lima Figueiredo, klera oficiro de nia Militistaro kaj membro de la Redakcia Komisiono de tiu ĉi Revuo, prezentas en la nuna artikolo, raporton pri la malproksima Territorio de Acre (legu: Akre), kie li estis en 1928, oficiale komisiita.

Komence li enfokusigas la du plej grandajn riverojn en tiu regiono: — Purús kaj Juruá, kiuj disetendiĝas en vasta reto da alfluaĵ kaj subalfluaĵ riveretoj, sed ne havas transversan vojlon ligantan la du basenojn; tial iliaj loĝantoj estas izolitaj.

Dum la riveraltigoj ĉiu transporto estas surrivera. Per vaporsipoj oni navigacias sur Purús ĝis la enfluejo de rivero Acre, ĉe Amazonaso, kaj, de tie, per malgrandaĵ sipetoj kun radoj ĉe

la ŝippoŝto, en kiuj estas eble supreniri ĝis la boliviaj limoj, sed, someie, nur ĝis Rio Branco (Rivero Blanka)

Motorŝipetoj postrenas la transportbarkojn. En la barakegoj oni uzas platfundan boaton, faritan el unu sola arbtrunko, movatan, ĝeneale, per motoro (motogodille) lerte aplikita al la ŝippoŝto, tiamaniere ke la helico povas esti eltirata el la akvo kiam aperas malhelpaĵo

Grandaj pluvoj de Decembro ĝis Aprilo (335,4 mm en Januaro) ŝanĝas la tutan ebenajon je vasta lageto kaj tio devigas la uzon de la boato

La konstruaĵoj estas farataj sur palisaroj: *barakegoj*, en la sidejo de la kaŭĉukaĵbaroj; *barakoj*, en la arbaroj, kie loĝas la kaŭĉuko-kulturistoj Ligante la diversajn barakojn al la barakego estas reto da *varadouros* (trapasejoj), kiuj permesas la perĉevalan trafikon

Diras la aŭtoro, ke Purús kaj ties alfluaĵoj: Chandless, Yaco kaj Acre, de li travetuataj, estas, laŭ prezentitaj motivoj, en la kadro de tiuj ĵus formitaj, kaj kaŭzas, energie kaj kontinue, eroziojn sur malfirma kaj platigita tereno Li rilatas al la fenomeno de la *terra caída* (falinta tero), okazanta, kiam blokoj el la kavaĵoj, kelkfoje longa je kilometroj, eroziita, liberiĝas, kuntrenante la tutan riĉegan kreskajaron, kiuj ilin ornamas, kaj formante, ĉe la fluejoj, ĉiuspecajn malhelpaĵojn

Li montras la transversan profilon de la Acre'a valo per konkavaĵo de 15 ĝis 20 metroj, kiu prezentas la proprajn fluejoj de la riveroj, kaj daŭras unuflanke per deklivo, malkruta aŭ kruta, sekvata de la horizontala firmaĵo, kaj aliflanke, per riverbordo, kiu etendiĝas per larĝaj ebenkamparoj kun mil aŭ dumil metroj da longo Iafoje, en tiu ĉi flanko, digforma boidkrutaĵo ŝanĝas la ebenkamparojn je lagoj, marĉoj, kc

Priskribante la riveron Purús li parolas pri ĝia serpentforma vojlinio je 3 220 km, pri ĝia forta rapideco ĉe la defluojo kaj preskaŭ nula ĉe la enfluejo, kaj diras, ke ĝi ofte ŝanĝas sian fluon ĉe la aluvia tereno, kiun ĝi mem formis

Li deduktas el kadro de distancoj, niveldiferencoj, dekliveco, kc, kiun ni publikigas, ke, desegnante grafikajon respondan al la elementoj de tiu kadro, ni havigus paraboleron kun la konkavaĵo turnita supren; en tiu parabolo montriĝas ŝtupo preskaŭ abrupta prezentita per deklivo je 1,60 po kilometro Post tiu ĉi forta deklivo la dekliveco de Purús malpligrandiĝadas ĝis preskaŭ horizontaliĝo ĉe la enirejo

Li priskribas la du karakterizajn sezonojn: la vintron kaj la someron. Dum la vintro la riveroj estas plenaj kaj dum la somero preskaŭ senakvaj Ĝenerale, ĉiukvarjare, okazas ruinigaj inundoj La riveraltigoj komenciĝas en Oktobro kaj la malaltigo en Aprilo

Pritraktante pri la vegetado li diras, ke ĝi estas riĉega kaj varia, kaj en ĝi ekzistas de la rampanta gramenaco ĝis la grandega *samaumeira* Li reliefigas la bonegajn lignojn por konstruado kaj lignaĵarto, sennombrajn plantojn tekseblajn, gumhavajn, medicinajn, rampantajn kaj palmojn La kaŭĉuka prezalo devigis la plantadon de *rocados* (elfalĉitaj grundoj) por la kulturado de maizo, kafo, fazeolo, kc kaj la kaŭĉuko-kulturistoj, kiuj ĉion importis, komencas produkti unu necesajn nutraĵojn

Pri la klimato li havigis elementojn ĉe la klimatologia stacio de Sena Madueira, rilatajn al la periodo de Julio de 1927 ĝis Junio de 1928. Li konkludas, ke, ĉar la termika ekvatoro estas klinita al la suda duonsfero rilate al la ĝuste nomita ekvatoro kaj Território de Acre sidas, ĝenerale, inter la paraleloj 8a kaj 11a, oni devus esperi, ke ĝi estas varmega regiono. Tamen la arbaro kaj la araneaĵo da riveroj havigas al ĝi mezan veteron de 27,1 gradoj, facile tolereblan Li notis en la monato Septembro subitajn oscilojn kun rapida malaltigo de la vetero ĝis 10 gradoj

Dum la monatoj Decembro kaj Januaro pluvas preskaŭ ĉiutage kaj tio okazigas inundon en la tuta regiono. Okaze de la degelado de la Andoj kutimas blovi de S Ok tre malvarma vento, kiu kaŭzas mortojn ĉe la loĝantoj kaj eĉ ĉe la bestoj

Li defendas la klimaton de Acre, certigante, ke li ne rimarkis tie tion, kion ĝenerale oni diras pri ĝia malsanigeo

Li analizas ĝian produktadon kaj komercon, priskribante tiujn de la kaŭĉuko, kiu jam sin prezentas kun aspekto tre promesanta pro la intereso de la kaŭĉuko-kulturistoj por la arboj Ili plantas novajn arbojn kaj ŝparas la malnovajn ĉe la tranĉoj, kiujn ili ne faras plu per hakilo Li montras la procedon uzitan dum la rikolto de la "latex" — la kaŭĉuko-kulturistoj rasas la arbon je unu manstrodo da longo, faras strekon klinitan per speciala tranĉilo kaj gluas sian malgrandan pelveton el lado ĉe la ekstremaĵo de la streko Post la tagfino li rikoltas la lakton kaj ĝin fumajas en la barako

Li parolas pri la abundeco de kaŭĉukarboj en la regiono de la riveroj Acre kaj Abuná kaj priskribas la procedojn specialajn por la kolektado kaj pliigon de la kaŭĉuko, cedro kaj agvano

Aludante pri la loĝantaro li diras, ke, okaze de sia vojaĝo, estis kalkulataj 27 552 loĝantoj, en la tuta trairita regiono Li studas tiun ĉi loĝantaron pri ĝia nombro, denseco, dividado en ofico, rasa deveno, kulturgrado kaj cerbeo

Por tiu ĉi studo li dividas la regionon laŭ: Rivero Purús, de la enfluejo de Yaco ĝis tiu de Chambuyaco; rivero Chandless, de ĝia enfluejo, ĉe rivero Purús, ĝis la landlimoj; rivero Yaco, de la enfluejo de Igarapé Glória (rivereto Gloro) ĝis la kunfluejo de Yaco kun Purús; rivero Acre, la plej loĝantoplena, kiu havas sian historion, kaj rivero Abuná, kiu havas malgrandan loĝantaron

Laŭ sekso ni trovas: — 7 902 virojn kun pli ol 30 jaroj, kaj 8 278 kun malpli ol 30 jaroj, sume 16 180 virojn, kaj 11 372 virinojn La nombro da fremduloj estas 1 549 Okupas la unuan lokon la sirianoj kun 530 homoj Poste venas la peruanoj kun 306 kaj la portugaloj kun 157 homoj La kalkulo de la denseco, ĉar la plej granda homamasigo estas ĉe la riverbordo, estis farita po kilometro da riverlongo La plej malforta denseco estas tiu de rivero Abuná, 4 personoj po km., kaj la plej granda estis konstatita ĉe rivero Acre, kun 25,9 po km La rasa deveno estas, ĝenerale, identa por la diversaj riveroj Tamen ĉe rivero Abuná, anstataŭ la nordorienta sango, ekzistas la mestizigo kun la bolivia sango La indigenoj, tute malsovaĝigitaj estas 1 *curunas*, *tucurinas*, *maintenaris*, *catiunas* e *cachariris*, ĉiuj malgrandnombro La procento pri analfabetoj tras de 60,6% ĉe Purús ĝis 44% ĉe Yaco; la plej loĝantoplena, kiu estas Acre, prezentas 53,9% da nekleruloj, kies nombro iom post iom malpligrandiĝas dank' al la malfermo de novaj lernejoj

Finante sian verkon, li parolas pri la flankiantaj ŝoseoj kaj studas la komunik-rimedojn de la diversaj alfluaĵoj kaj, ĉe la lasta ĉapitro, li faras rapidan raporton pri la rivero Purús kaj la deveno de ties nomo

Que te pede o Serviço Nacional do Recenseamento? Apenas algumas informações
Que te DARA' em troca? O balanço detalhado do ativo e passivo de tua Pátria